

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: TEORIAS E PRÁTICAS DE
ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO (PROLEITURA)**

Adriana Nunes da Costa

**AS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA DA ENRIQUETA:
um convite para a leitura literária através das histórias em quadrinhos**

Belo Horizonte
2022

Adriana Nunes da Costa

**AS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA DA ENRIQUETA:
um convite para a leitura literária através das histórias em quadrinhos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto (PROLEITURA) da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientador: Professor. Dr. Marcelo Chiaretto

Belo Horizonte
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA ADRIANA NUNES DA COSTA

Realizou-se, no dia 14 de julho de 2022, às 14:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *AS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA DA ENRIQUETA: um convite para a leitura literária através das histórias em quadrinhos*, apresentado por ADRIANA NUNES DA COSTA, número de registro 2020741967, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Prof. Marcelo Chiaretto - Orientador, Profa. Allana Mátar de Figueiredo (UFMG), Prof. Marcelo Pereira Machado (UFMG).

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 14 de julho de 2022.

Prof. Marcelo Chiaretto (Doutor)

Profa. Allana Mátar de Figueiredo (Mestre)

Prof. Marcelo Pereira Machado (Doutor)



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Pereira Machado, Usuário Externo**, em 18/07/2022, às 13:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Chiaretto, Professor do Magistério Superior**, em 18/07/2022, às 14:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Allana Mátar de Figueiredo, Professora do Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 18/07/2022, às 14:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1558223** e o código CRC **78335A88**.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar a vida e conduzir minhas escolhas.

À minha mãe, Amélia, que me inspirou a ser professora.

Ao meu pai, João, que me ensinou o valor da leitura.

Aos meus filhos, Sofia e Miguel, por me trazerem de volta o olhar poético da infância.

Ao meu marido, Wander, pela paciência e apoio durante minha formação profissional.

Ao Prof. Dr. Marcelo Chiaretto, por me orientar nesse trabalho e me incentivar a seguir em frente na defesa do direito à literatura.

Aos meus alunos e ex-alunos, pelas leituras compartilhadas.

Ao quadrinista Liniers, por nos emprestar um pouco de sua imaginação para que a nossa aumente.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é propor atividades através de oficinas que convidem os alunos para o exercício da leitura literária. Explorar o rico universo das histórias em quadrinhos é um caminho interessante para o processo de formação de leitores. A literatura é um direito humano, pois é através dela que exercitamos a imaginação. Nesse sentido, ao promover a leitura de quadrinhos em sala de aula, além de fomentarmos a leitura literária, estamos garantindo aos alunos o direito a ter acesso a textos que conectam, que desafiam e que transformam. Para mediar esse encontro, entre os alunos e a literatura, escolhemos as tiras da Enriqueta, uma personagem dos quadrinhos do argentino Liniers, que é apaixonada pela leitura, especialmente a leitura literária. Enriqueta lê, faz reflexões e levanta questões interessantes sobre elementos que fazem parte do universo da leitura como o objeto livro, a figura do mediador, os autores, as histórias e a imaginação. Além disso, ela expressa sentimentos e emoções que as experiências de leitura despertam. Enriqueta representa um modelo de leitora instigante, exatamente por romper padrões e estereótipos criados sobre o conceito de leitor ideal.

Palavras-chave: Formação do leitor. Histórias em quadrinhos. Leitura literária. Leituras de Enriqueta.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es proponer actividades a través de talleres que inviten a los estudiantes a practicar la lectura literaria. Explorar el rico universo de las historietas es un camino interesante para el proceso de formación del lector. La literatura es un derecho humano, porque es a través de ella que ejercitamos nuestra imaginación. En este sentido, al promover la lectura de historietas en el aula, además de incentivar la lectura literaria, estamos garantizando a los estudiantes el derecho a acceder a textos que conectan, que desafían y que transforman. Para mediar este encuentro, entre los estudiantes y la literatura, elegimos las tiras de Enriqueta, un personaje de las historietas del argentino Liniers, enamorada por la lectura, especialmente la lectura literaria. Enriqueta lee, reflexiona y plantea cuestiones interesantes sobre elementos que forman parte del universo de la lectura, como el objeto libro, la figura del mediador, los autores, las historias y la imaginación. Además, expresa sentimientos y emociones que las experiencias de lectura despiertan. Enriqueta representa un modelo de lector que invita a la reflexión, precisamente porque rompe patrones y estereotipos creados sobre el concepto del lector ideal.

Palabras clave: Formación de lectores. Historietas. Lectura literaria. Lecturas de Enriqueta.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E LITERATURA	10
CAPÍTULO 2. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A FORMAÇÃO DO LEITOR	19
CAPÍTULO 3. O UNIVERSO POÉTICO DAS LEITURAS DE ENRIQUETA.....	31
3.1 O leitor ideal.....	32
CAPÍTULO 4. LEITURAS LITERÁRIAS COM ENRIQUETA.....	37
4.1 Oficina 1: Termômetro da Leitura Literária	38
4.2 Oficina 2: Enriqueta por Enriqueta.....	38
4.3 Oficina 3: Capa e Quarta Capa: Elementos paratextuais na construção dos sentidos	39
4.4 Oficina 4: Jogo “Enriqueta Lendo”, por Liniers	39
4.5 Oficina 5: Quebrando a cabeça com Enriqueta.....	40
4.6 Oficina 6: Criação de Histórias em Quadrinhos.....	40
4.7 Oficina 7: Carta para Enriqueta.....	41
4.8 Oficina 8: Diálogos sobre livros, leitura e literatura	41
4.9 Oficina 9: Relação entre textos: dos quadrinhos ao conto literário.....	41
4.10 Oficina 10: Diário de Leitura	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS.....	47

INTRODUÇÃO

A escola é um terreno fértil para a construção de uma comunidade de leitores literários. No entanto, um dos maiores desafios dos professores de língua portuguesa é justamente a formação de qualidade de alunos leitores de literatura. A maior dificuldade, talvez, seja a de encontrar caminhos para inspirar e motivar os alunos para a leitura. Não a leitura utilitária, obrigatória, como condição para ganhar nota e passar de ano, mas a leitura por deleite, por fruição, despreziosa, a que brinca com os sentimentos, encanta, alimenta a imaginação e que é capaz de transformar os leitores.

Antonio Candido, no texto “O Direito à Literatura” (2004), defende a leitura literária como um direito inalienável do ser humano. Para o estudioso,

(...) a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (p. 188).

Desse modo, criar condições para que a leitura literária circule de forma ampla e efetiva não só contribui para a formação do leitor no âmbito escolar, mas também para a formação social do ser humano. A literatura é uma lente que permite ao leitor “focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (CANDIDO, 2004, p. 188).

A teoria dos múltiplos letramentos, na perspectiva paulo-freiriana, também considera a literatura como um direito humano. Segundo ROJO (2009, p. 100), essa proposta de letramento não tem como objetivo formar os alunos para se encaixarem nas exigências sociais, pelo contrário, busca “o resgate da autoestima, para a construção de identidades fortes, para a potencialização de poderes (...)”. Por isso, ao propor atividades de leituras de obras literárias, é fundamental ter a clareza de que esse deve ser, antes de tudo, um exercício para a construção da cidadania e da inclusão social.

Assim, o principal objetivo deste ensaio é dialogar sobre os desafios, as vantagens e os caminhos para a leitura literária por deleite, como um direito humano garantido na escola. Para isso, partiremos da leitura exploratória das tiras da Enriqueta, uma criança apaixonada pelo universo fascinante da leitura e da literatura. Essa personagem foi criada pelo quadrinista argentino Ricardo Siri Liniers, para ser publicada em tiras de jornal. As tiras de Enriqueta

também fazem parte da coleção de livros “Macanudo” que conta, por enquanto, com 10 volumes traduzidos e publicados no Brasil.

Enriqueta também é uma criança como Mafalda, personagem criada pelo argentino Quino, bastante conhecida e utilizada em materiais didáticos no Brasil. Mas Enriqueta é diferente. Segundo Liniers, em entrevista concedida ao Canal Cultura (2017), ao construir Enriqueta, tinha claro que ela não seria tão perfeita quanto a personagem criada por Quino. Mafalda e as crianças da sua turma têm um olhar para fora, para a sociedade, a política e a economia. Os personagens de Quino são, na verdade, arquétipos do mundo dos adultos.

Por outro lado, Enriqueta olha para dentro, para suas limitações, angústias e sentimentos próprios da infância. Ela é uma das personagens que Liniers utiliza como ponte para se reconectar com sua infância. É uma criança tímida, que se encontra nos livros e se sente muito feliz e à vontade com suas mascotes: Fellini, um gato, e Madariaga, um ursinho de pelúcia. A menina praticamente não interage com outros seres humanos, o que reforça esse olhar para dentro, para o mundo da infância, povoado por sonhos e imaginação (Canal Cultura, 2017). No entanto, mostraremos neste trabalho que, na verdade, esse movimento de olhar para dentro, somado às leituras literárias que Enriqueta faz, ajuda a personagem a enxergar melhor o mundo exterior e assumir uma postura analítica e questionadora.

Enriqueta é uma das diversas personagens que compõe a miscelânea de tiras cômicas do “Macanudo”. Liniers explica, em entrevista para Fundación BBVA Perú, que começou a escrever Macanudo para o jornal argentino “La Nación” em 2002, justamente no período em que o país atravessava sua maior crise econômica e que, por isso, o jornal era construído por notícias tristes e extremamente pessimistas. Mas, para ele, toda essa tempestade de notícias ruins que passavam a ideia de que tudo estava perdido, era falsa. Afinal, o problema do país era a falta do dinheiro da população que foi roubado. “É muito sinistro isso, mas não é o que faz um país. O país não é o produto bruto interno, porque se fosse, o melhor país seria o que tem o melhor produto bruto interno. O país é feito pela gente que está aí dentro” (Tradução nossa, BBVA, 2016).

Liniers chegou à conclusão de que “colocar uma palavra otimista, no meio de tanto pessimismo era um ato de resistência” (Tradução nossa, BBVA, 2016). Assim, o nome “Macanudo” foi escolhido por representar o tom leve e bem-humorado de suas tiras. Segundo Ramos (2016), Macanudo é uma “gíria castelhana antiga que poderia ser equivalente aos nossos *bacana* ou *supimpa*, numa tradução livre” (p. 56).

Vivemos um cenário também pessimista sobre a leitura no Brasil apresentado a partir de resultados de avaliações externas. Mas sabemos que, na realidade, a situação não é tão caótica. Rojo (2009) afirma que “contrariamente ao propalado, o brasileiro lê e gosta de ler, quando pode, para se distrair. Só não lê o que a cultura valorizada e a escola esperam que leia” (p. 47).

Por isso, escolhemos Enriqueta, uma das personagens que compõe as tiras de Macanudo, como a mediadora da magia do encontro entre os alunos leitores e a literatura. Uma das características mais fortes da personagem é sua relação com o universo da leitura literária. A linguagem poética que constrói as narrativas de Enriqueta nos transporta para o mundo da fantasia através da imaginação. Parafraseando Liniers, acreditamos que oferecer condições para que nossos alunos encontrem prazer na leitura, em um cenário de fracasso escolar, é um ato de resistência.

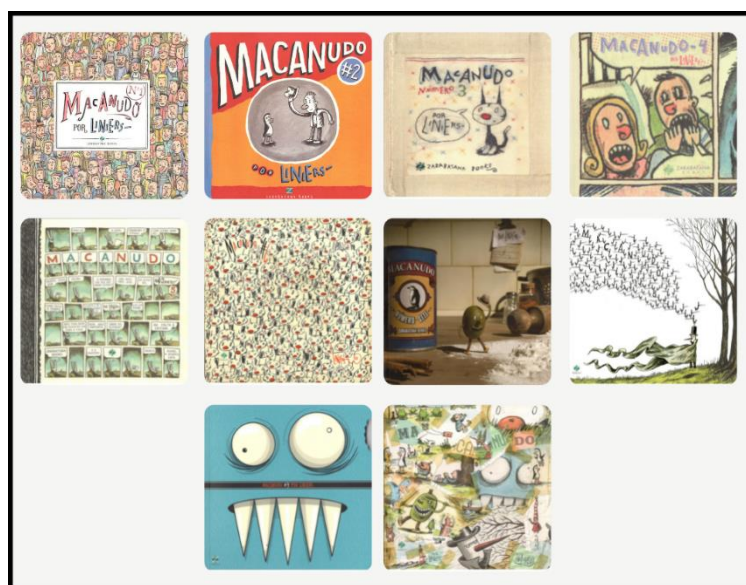
No primeiro capítulo, faremos um breve percurso histórico dos quadrinhos, da origem ao uso em sala de aula, pontuando algumas visões equivocadas sobre esse gênero, que infelizmente, ainda persiste. Depois, ressaltaremos o papel da literatura como um direito humano e a definição de histórias em quadrinhos como literatura. Além disso, apresentaremos alguns resultados “Retratos da Leitura no Brasil”, na quinta e última edição, realizada em 2019, que traça o perfil do leitor no Brasil e apresenta alguns caminhos e desafios para o trabalho do professor no trabalho de formação de leitores.

No capítulo seguinte, analisaremos as habilidades esperadas pela BNCC, Base Nacional Comum Curricular, no trabalho com histórias em quadrinhos em sala de aula referente aos ensinos fundamental e médio. Em seguida, apresentaremos alguns estudos e projetos que demonstram como o trabalho com as histórias em quadrinhos em sala de aula podem contribuir para a formação de leitores proficientes. Para isso, utilizaremos, como base, estudos como os de Santos (2001), Santos, (2003) e Santos; Ganzarolli (2011), que nos mostram que as histórias em quadrinhos é uma ferramenta eficiente para promover a aproximação dos alunos aos textos literários, contribuindo, assim, com o desenvolvimento da competência 9, uma das dez competências específicas de Língua Portuguesa que garante ao aluno o direito de

envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BNCC, 2018, p. 87).

No capítulo três, faremos uma análise sobre o perfil do leitor literário idealizado em comparação com o perfil de leitor de Enriqueta, que é uma criança comum, que brinca, tem dificuldades com a matemática, faz bagunça e se diverte como qualquer aluno. Com isso, pretendemos mostrar que a leitura de qualidade, por fruição, está acessível a todos desde que seja mediada de forma adequada, como convite ao exercício de um direito.

No último capítulo, proporemos uma série de atividades, em forma de oficinas, que têm como objetivo, aproximar os alunos do universo da leitura e da literatura através das tiras da Enriqueta. Para isso, selecionamos tiras em que Enriqueta lê algum livro literário ou reflete, como leitora crítica que é, sobre os livros e a leitura. As tiras selecionadas nesse trabalho fazem parte da coleção Macanudo publicada no Brasil, do vol. 1 ao volume 10 (quadro 1), e, também, do pôster da Enriqueta lendo (anexo 1), cedido gentilmente pela editora Zarabatana Books para uso nas oficinas propostas neste trabalho.



Quadro 1 (Capas: Macanudo - vol. 1 ao vol. 10)

Desse modo, a partir das histórias em quadrinhos da Enriqueta, propomos atividades para mediação de diálogos na sala de aula sobre os lugares que a leitura e a literatura ocupam na vida dos professores e dos alunos. Com isso, esperamos apontar caminhos para que o professor possa focar nos textos literários através da Enriqueta. As experiências de leitura de Enriqueta serviram como inspiração para a construção deste ensaio e esperamos que também sejam um convite para professores e alunos se encantarem com o prazer da leitura literária, por fruição, em todas as etapas do ensino.

CAPÍTULO 1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E LITERATURA

“Não se ensina literatura para que todos os cidadãos sejam escritores,
mas para que nenhum seja escravo”.
(Gianni Rodari)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n. 10. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2019, p. 99)

O quadrinho acima nos apresenta Enriqueta, uma personagem leitora, apaixonada por livros, e Feline, o amigo gato com quem compartilha as brincadeiras, os questionamentos sobre a vida e as impressões sobre as leituras literárias. As bordas verticais da tira, que simulam dois troncos de árvores e ampliam o espaço de leitura da personagem, demonstram a criatividade de Liniers, o quadrinista argentino que, através da Enriqueta, convida os leitores a pensarem sobre o universo dos livros, da leitura e da literatura a partir do olhar poético da infância.

A riqueza do conteúdo temático e a linguagem das tiras de Enriqueta tornam as tiras muito interessantes para leitura nas aulas de língua portuguesa no processo de formação do aluno-leitor. Mas, antes de explorarmos o universo de Enriqueta, contextualizaremos a origem das histórias em quadrinhos e definiremos o papel dos quadrinhos, como textos literários, na (trans)formação do ser humano.

As histórias em quadrinhos surgiram, de forma mais significativa, no final do século XIX nos Estados Unidos, a partir do crescimento da indústria tipográfica e das cadeias jornalísticas (VERGUEIRO, 2020-A). Aos poucos, os quadrinhos foram ganhando espaço e começaram a definir-se como texto a partir de uma linguagem própria. Quando surgiram, as histórias em quadrinhos eram publicadas

(...) nas páginas dominicais dos jornais norte-americanos e voltados para as populações de migrantes, os quadrinhos eram predominantemente cômicos, com desenhos satíricos e personagens caricaturais. Alguns anos depois, passaram a ter publicação diária nos jornais - as célebres “tiras” -, e a diversificar suas temáticas, abrindo espaço para histórias que enfocavam núcleos familiares, animais

antropomorfizados e protagonistas femininas, embora ainda conservando os traços estilizados e o enfoque predominantemente cômico (VERGUEIRO 2020-A, p. 10).

Foi a partir da Segunda Guerra Mundial que as HQS (histórias em quadrinhos) passaram a ser consumidas de forma massiva, principalmente pelos jovens leitores, com a criação dos super-heróis. Segundo Waldomiro Vergueiro (2020-A), esses quadrinhos com heróis fictícios de narrativas com contexto bélico fizeram tanto sucesso que, além de render muito dinheiro no mercado das histórias em quadrinhos, fomentou o surgimento de novas revistas que exploravam diferentes temáticas como terror e suspense, o que gerou preocupação da parte da sociedade sobre a potencial má influência da leitura desses quadrinhos na formação de crianças e jovens.

O contexto de desconfiança aumentou no período da Guerra Fria. Alguns profissionais e estudiosos, com pouco conhecimento sobre o assunto, começaram a emitir opiniões e a publicarem pesquisas (com metodologias e resultados questionáveis), disseminando o preconceito e uma preocupação exagerada em relação às histórias em quadrinhos. Um dos casos, citado por Vergueiro (2020-A, p. 11), é o do psiquiatra alemão Fredric Wertan, que chegou a publicar um livro, em 1954, com o título “A sedução dos Inocentes”. O psiquiatra associava as patologias de alguns de seus pacientes adolescentes à leitura de histórias em quadrinhos, principalmente de terror ou suspense.

Essa preocupação não era apenas dos americanos. Vários países também se preocupavam com as possíveis consequências geradas com a leitura das histórias em quadrinhos, inclusive o Brasil. A seguir, apresentamos o código de ética elaborado por um grupo de editores brasileiros de revistas em quadrinhos, com o objetivo de regular as histórias em quadrinhos que poderiam ser lidas nas escolas. Fizeram parte desse grupo editoras como a *Editora Gráfica O Cruzeiro*, *Editora Brasil-América Ltda*, *Rio Gráfica e Editora* e *Editora Abril* (VERGUEIRO, 2020-A).

Código de Ética dos Quadrinhos

1. As histórias em quadrinhos devem ser um instrumento de educação, formação moral, propaganda dos bons sentimentos e exaltação das virtudes sociais e individuais.
2. Não devendo sobrecarregar a mente das crianças como se fossem um prolongamento do currículo escolar, elas devem, ao contrário, contribuir para a higiene mental e o divertimento dos leitores juvenis.
3. É necessário o maior cuidado para evitar que as histórias em quadrinhos, descumprindo sua missão, influenciem perniciosamente a juventude ou deem motivo a exageros da imaginação da infância e da juventude.
4. As histórias em quadrinhos devem exaltar, sempre que possível, o papel dos pais e dos professores, jamais permitindo qualquer apresentação ridícula ou desprimorosa de uns ou de outros.

5. Não é permissível o ataque ou a falta de respeito a qualquer religião ou raça.
6. Os princípios democráticos e as autoridades constituídas devem ser prestigiados, jamais sendo apresentados de maneira simpática ou lisonjeira os tiranos e inimigos do regime e da liberdade.
7. A família não pode ser exposta a qualquer tratamento desrespeitoso, nem o divórcio apresentado como sendo uma solução para as dificuldades conjugais.
8. Relações sexuais, cenas de amor excessivamente realistas, anormalidades sexuais, sedução e violência carnal não podem ser apresentadas nem sequer sugeridas.
9. São proibidas pragas, obscenidades, pornografias, vulgaridades ou palavras e símbolos que adquiram sentido dúbio e inconfessável.
10. A gíria e as frases de uso popular devem ser usadas com moderação, preferindo-se sempre que possível a boa linguagem.
11. São inaceitáveis as ilustrações provocantes, entendendo-se como tais as que apresentam a nudez, as que exibem indecente ou desnecessariamente as partes íntimas ou as que retratam poses provocantes.
12. A menção dos defeitos físicos e das deformidades deverá ser evitada.
13. Em hipótese alguma, na capa ou no texto, devem ser exploradas histórias de terror, pavor, horror, aventuras sinistras, com as suas cenas horripilantes, depravação, sofrimentos físicos, excessiva violência, sadismo e masoquismo.
14. As forças da lei e da justiça devem sempre triunfar sobre as do crime e da perversidade. O crime só poderá ser tratado quando for apresentado como atividade sórdida e indigna e os criminosos sempre punidos pelos seus erros. Os criminosos não podem ser apresentados como tipos fascinantes ou simpáticos e muito menos pode ser emprestado qualquer heroísmo às suas ações.
15. As revistas infantis e juvenis só poderão instituir concursos premiando os leitores por sus méritos. Também não deverão as empresas signatárias deste Código editar, para efeito de venda nas bancas, as chamadas figurinhas, objeto de um comércio nocivo à infância.
16. Serão proibidos todos os elementos e técnicas não especificamente mencionados aqui, mas contrários ao espírito e à intenção deste Código de Ética, e que são considerados violações do bom gosto e da decência.
17. Todas as normas aqui fixadas se impõem não apenas ao texto e aos desenhos das histórias em quadrinhos, mas também às capas das revistas.
18. As revistas infantis e juvenis que forem feitas de acordo com este Código de Ética levarão na capa, em lugar bem visível, um selo indicativo de sua adesão a estes princípios.

Fonte: SILVA, Diamantino da. **Quadrinhos para quadrados**. Porto Alegre: Bels, 1976, p.102-104. *Apud:* VERGUEIRO, 2020.

A leitura desse código de ética permite constatar tanto a preocupação com o conteúdo explorado nos quadrinhos, como a concepção da época de que a única função da leitura das histórias em quadrinhos era a de divertir os leitores. É possível também visualizar o papel “moralizador” da educação através da leitura de textos, especialmente os literários, que eram escolhidos não por sua qualidade literária e estética, mas sim pelo respeito aos padrões que a sociedade considerava “adequados” para a “educação” das crianças e dos jovens.

Apenas no final do século XX, os quadrinhos começaram a ganhar maior respeito, especialmente a partir de estudos europeus que contribuíram para a derrubada de mitos que marginalizavam esses textos. Com isso, as escolas começaram a explorar mais as revistas em quadrinhos como ferramenta de aprendizagem. No entanto, como acontecia com outros gêneros literários, a função dos quadrinhos, que antes era divertir, passou a ser utilitária. Vergueiro (2020-A) explica que, por muito tempo, os objetivos da leitura das histórias em quadrinhos em sala de aula eram ensinar algum conteúdo histórico ou reforçar ensinamentos morais religiosos.

Atualmente, as histórias em quadrinhos já são reconhecidas e valorizadas por sua linguagem bastante sofisticada, que dialoga com outras linguagens artísticas como a música, o cinema, o teatro e a fotografia. Mas há controvérsias sobre a relação dos quadrinhos com a literatura. Estudiosos, especialistas em histórias em quadrinhos, como Paulo Ramos (2021), defendem que “quadrinhos são quadrinhos” e, apesar de terem vários pontos em comum com a literatura, as histórias em quadrinhos têm uma linguagem autônoma que é formada por signos verbais e, principalmente, por signos não verbais, e, portanto, não constituem um gênero literário. Para o autor,

(...) chamar quadrinhos de literatura, a nosso ver, nada mais é do que uma forma de procurar rótulos socialmente aceitos ou academicamente prestigiados (caso da literatura, inclusive a infantil) como argumento para justificar os quadrinhos, historicamente vistos de maneira pejorativa, inclusive no meio universitário (RAMOS, 2021, p. 17).

Por outro lado, defendemos que histórias em quadrinhos são textos literários, porque pertencem ao universo das narrativas ficcionais. Para nós, a literatura não está apenas nos livros consagrados como cânones, ela está nas histórias. O professor e pesquisador Antonio Candido, referência nos estudos sobre literatura no Brasil, explica onde podemos encontrar a literatura:

E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (CANDIDO, 2004, p. 177).

Quando falamos em literatura brasileira, por exemplo, é comum a associação do termo às obras de escritores consagrados como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Álvares de Azevedo, entre outros cânones. No entanto, considerar como literatura apenas os textos de

escritores já consagrados, representa uma visão reducionista e excludente de toda a riqueza de textos ficcionais que fazem parte da formação cultural do Brasil e do mundo. Além disso, considerar como texto literário apenas os que são construídos pela linguagem verbal também é uma visão equivocada, pois desconsideram-se elementos importantes que contribuem para a comunicação humana, como as imagens, por exemplo.

Para o crítico literário Antonio Candido (2017), o que definem se um texto é literário ou não são questões que vão muito além do grau de instrução, genialidade ou fama do escritor, do período em que o texto foi escrito ou mesmo do uso de palavras. Para ele, a literatura é:

(...) considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens e de interpretação das diferentes esferas da realidade (p. 25).

Desse modo, podemos afirmar que as histórias em quadrinhos são textos ficcionais que conectam produtores literários aos leitores receptores através da linguagem verbal e visual ou apenas visual, promovendo uma comunicação “inter-humana”, constituindo-se, portanto, como texto literário. Definir as histórias em quadrinhos como literatura é fundamental neste trabalho, porque o nosso objetivo é exatamente abordar sobre aspectos importantes da leitura literária como direito humano e como os quadrinhos podem contribuir potencialmente para a formação do leitor crítico.

A literatura é a forma que o ser humano encontrou para exercitar a imaginação. Esse distanciamento da realidade é uma característica essencialmente humana. Candido (2004) explica que “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (p. 177). Isso acontece porque, durante o sono, todas as pessoas sonham e é através dos sonhos que, segundo o autor, vivenciamos experiências ficcionais diariamente. Entretanto, viver a fabulação apenas nos sonhos é muito pouco para a construção psicossocial do ser humano.

A leitura de textos literários é um caminho eficiente para nutrir essa imaginação, pois atua tanto no nível inconsciente, quanto no subconsciente. Desse modo, a literatura é considerada um direito humano universal, porque, ao mesmo tempo em que ela nos organiza e permite compreender o mundo, o outro e a nós mesmos, ela é libertadora, como todas as formas de artes. Por isso, a literatura é uma ferramenta poderosa de humanização e seu acesso deve ser garantido. Antonio Candido explica que “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo as possibilidades de vivermos dialeticamente os problemas” (2004, p. 177).

Fomentar o hábito da leitura por fruição, no entanto, nada tem a ver com a leitura descomprometida ou descomplicada. A leitura por fruição de bons textos contribui para a formação da personalidade do ser humano. Quando falamos em leitura por fruição, não estamos nos referindo à leitura utilitária, aquela que serve como pretexto para estudar algo fora do texto, como as regras gramaticais, as escolas literárias, ou servir como base para o exercício da escrita de uma resenha, por exemplo. A leitura por fruição é aquela em que o leitor mergulha nas camadas do texto, explora sentidos e sai, de alguma maneira, transformado pela experiência literária que pode ser, por exemplo, boa ou ruim, fácil ou difícil, confortável ou desconcertante. Assim, para Candido (2004),

a função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (p. 178-179).

Quando falamos em leitura por fruição, no entanto, é importante diferenciar essa leitura da leitura por prazer. A leitura simplesmente pelo prazer, “permite o esgotamento rápido das sensações”, enquanto que a leitura por fruição “permanece e interroga” (Yunes, 2009, p. 63). Segundo a autora, a leitura por fruição

decorre de uma percepção mista de necessidade e prazer, desliza sobre o tempo e não pesa sobre o leitor, na medida em que uma intimidade cada vez maior, uma inter-relação cada vez mais ágil se faz entre as outras e os recortes de leitura produzidos por quem se coloca em interação com a obra. Esse envolvimento é acionado pela potência da própria obra, que, des-realizando o mundo, apresenta-o em uma dimensão perspicaz, inédita, ao mesmo tempo em que convida seu leitor a adentrar nesse espaço com seu imaginário (YUNES, 2009, p. 63).

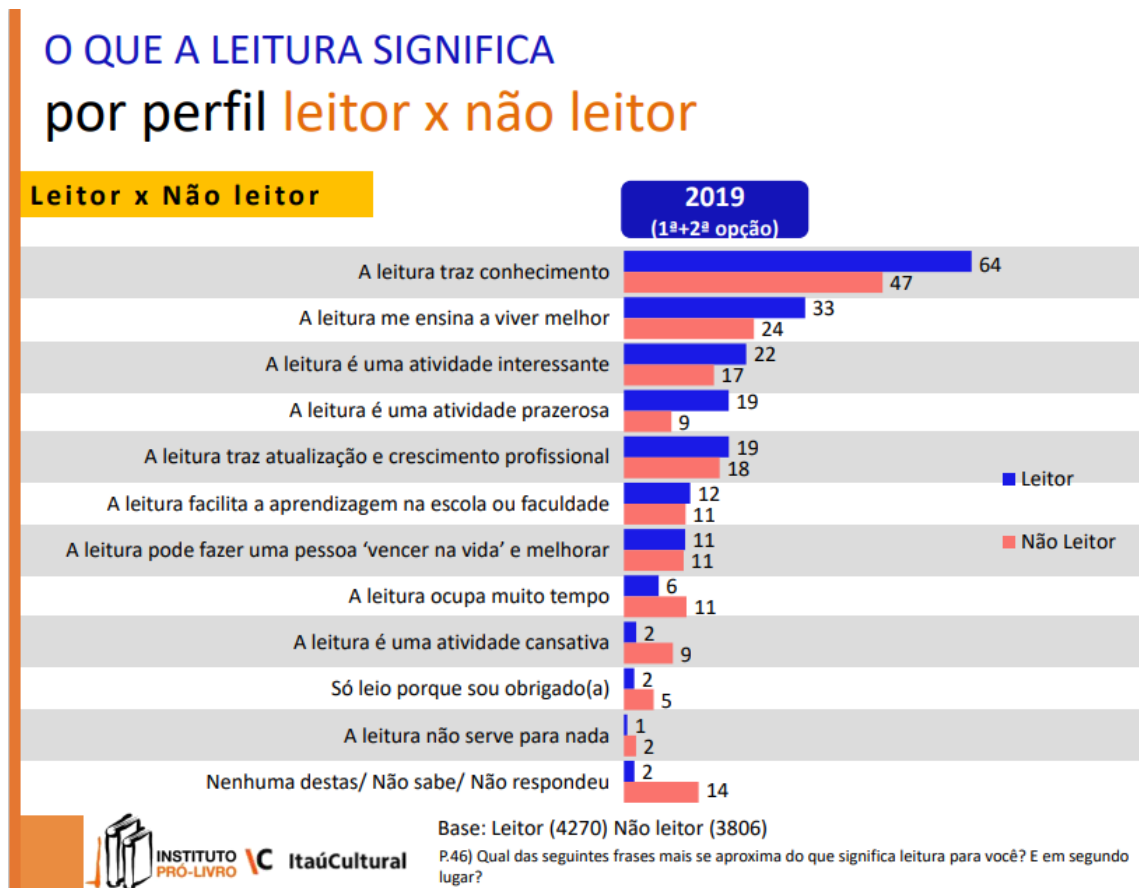
Esse tipo de leitura em busca do prazer imediato é comparado por Chartier (2005) com a cultura do estilo MC Donald's, que oferece esse prazer imediato às crianças que consomem seus produtos. Para Chartier (2005), “se se deseja formar o gosto de alguém pela leitura, todos sabem que não se pode prometer a essa pessoa o prazer imediato e durante o tempo todo” (p. 129).

Outro aspecto importante sobre os direitos humanos é a democratização da leitura literária. Entender que a literatura está presente em todas as camadas culturais e sociais, inclusive nos textos da tradição popular, não significa reforçar a ideia difundida até hoje de que as pessoas mais simples não se interessam pela literatura mais complexa, desafiadora e, por isso, estão fadadas a consumirem apenas literatura de massa. Pelo contrário, o que defendemos é justamente o direito de acessar também a uma literatura mais densa, reflexiva e transformadora, sem desmerecer a riqueza da literatura que faz parte do cotidiano do leitor.

Candido (2004) faz uma reflexão interessante quando afirma que as pessoas geralmente concordam que ao próximo devem ser garantidos direitos fundamentais como casa, comida, educação e saúde. No entanto, se esquecem que a cultura também é um direito, reforçando a ideia de que ela é um privilégio das classes dominantes: “mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven?” (CANDIDO, 2004, p. 174). Veremos agora o que a pesquisa mais recente e ampla que temos a respeito da leitura no Brasil mostra sobre o acesso à leitura literária no Brasil.

A 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, divulgada em setembro de 2020, nos apresenta dados intrigantes sobre o perfil do leitor de literatura no Brasil. Para a pesquisa, leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses. Apenas 52% dos 8.076 entrevistados (a partir de 5 anos) foram considerados leitores (IBOPE, 2020, p. 20). Apesar de, menos da metade da população de alguma maneira estar em contato com o exercício da leitura, apenas 18% são leitores de literatura. Um número muito abaixo do ideal desejado, principalmente, por ser a literatura tão importante para a formação humana.

A boa notícia é que 82% dos entrevistados afirmaram que gostariam de ter lido mais (IBOPE, 2020, p. 58). O gráfico a seguir apresenta o olhar dos entrevistados para as contribuições da leitura para o ser humano.



Fonte: IBOPE, 2020, p. 78.

É possível verificar que a maioria dos entrevistados, mesmo os não leitores, reconhecem a importância da leitura. Isso nos mostra que a situação da leitura no Brasil está difícil, mas que é possível melhorar. As pessoas sabem que ler é importante e têm interesse. O que faltam são ações para criarem oportunidades de encontro de leitores com livros de qualidade por meio de boas mediações.

Para destacar a importância da leitura literária nas aulas de língua portuguesa, faremos algumas pontuações em relação ao comportamento dos leitores de literatura em idade escolar, no ensino básico. A porcentagem de leitores de literatura nessa faixa etária é: 5 a 10 anos: 14%, 11 a 13 anos: 8%, e 14 a 17 anos: 13% (IBOPE, 2020, p. 29). Quanto aos Leitores de histórias em quadrinhos, que, na pesquisa, não entram como literatura, a porcentagem é um pouco maior: 5 a 10 anos: 22%, 11 a 13 anos: 21%, e 14 a 17 anos: 13% (IBOPE, 2020, p. 54). Esse interesse dos alunos pelas histórias em quadrinhos evidencia a oportunidade de explorar a leitura desse gênero em sala de aula.

Criar ações para desenvolver o prazer pela leitura é essencial. A leitura literária obrigatória, impositiva, não deveria ter espaço em sala de aula. A pesquisa mostra que, dentre

esses leitores de literatura, o principal motivo para a leitura foi o gosto: 5 a 10 anos: 48%, 11 a 13 anos: 33%, e 14 a 17 anos: 24% (IBOPE, 2020, p. 44). Esses números revelam também que, conforme vão estando mais velhos, os leitores perdem o gosto e o interesse pela leitura literária.

Rildo Cosson (2015) trata sobre dois tipos de abordagem da literatura em sala de aula. Nos anos iniciais, geralmente, os professores valorizam a leitura ilustrada, “uma atividade de fruição e deleite, voltada quase que exclusivamente para a inserção do aluno no mundo da escrita ou o manuseio livre de impressos” (p. 165). Já nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, os professores passam a privilegiar a leitura aplicada que “se destina a promover o conhecimento, ou seja, a leitura se destina ao aprendizado de alguma coisa do qual o texto é veículo” (2015, p. 165). A grande força da literatura é a sua gratuidade. Por isso, ler um texto literário com objetivos externos à obra, ou pior, de forma imperativa, ameaçadora, pode afastar o aluno da literatura e dificultar ainda mais o processo de formação de leitores.

Um dado preocupante revelado pela pesquisa é o número de alunos em idade escolar que afirmaram não lerem livros de literatura (como contos, crônicas, romances ou poesias) indicados pela escola: 5 a 10 anos: 21%, 11 a 13 anos: 24%, e 14 a 17 anos: 31% (IBOPE, 2020, p. 50). Essa constatação traz a pergunta: por que esses jovens não estão lendo literatura na escola? Dessa forma, temos a denúncia de um direito humano que está sendo negado. Sabemos que a leitura literária deve ocupar todos os espaços sociais, mas em país tão grande e desigual como o Brasil, o ambiente escolar é o que tem mais condições de proporcionar a democratização da leitura.

É papel da escola também formar leitores proficientes. Criar atividades para os alunos com o objetivo de desenvolver habilidades necessárias para aquisição da competência leitora. Como alguém gostará de ler textos que não entende? Dentre as barreiras para a leitura, os entrevistados apontaram dificuldades como: não tem paciência para ler: 26%; lê muito devagar: 19%; não tem concentração suficiente para ler: 13%; não sabe ler: 4% (IBOPE, 2020, p. 63). Todas essas dificuldades revelam o analfabetismo funcional. A leitura envolve o uso de operações mentais complexas que só desenvolvemos com o exercício da leitura de bons e variados textos, como inferir, formular hipóteses, comparar, relacionar, julgar, avaliar, entre outras.

Outra boa notícia apresentada na pesquisa é a de que a maioria dos entrevistados de 5 a 17 anos, leitores de literatura, afirmou que começou a se interessar por literatura por causa da indicação da escola ou de um(a) professor(a): 5 a 10 anos: 77%, 11 a 13 anos: 76%, e 14 a 17 anos: 68% (p. 113). Esse resultado revela a importância da figura do professor mediador de

leitura literária. Desenvolver estratégias de leitura é essencial para uma leitura fluida, que acessará camadas mais profundas do texto e, com isso, alcançará os sentidos possíveis. Daí a necessidade do professor criar estratégias eficientes para trabalhar os textos em sala de aula. As histórias em quadrinhos e os demais textos literários correspondem a uma fonte riquíssima para esse exercício.

No próximo capítulo, analisaremos o lugar das histórias em quadrinhos no ensino de língua portuguesa na contemporaneidade e as contribuições desses textos na formação de leitores. Para isso, traçaremos um percurso por alguns estudos teóricos sobre o uso das histórias em quadrinhos na formação de alunos leitores em diálogo com o documento oficial que atualmente norteia o ensino no Brasil, a BNCC.

CAPÍTULO 2. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A FORMAÇÃO DO LEITOR

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.

(Paulo Freire)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n. 10. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2019, p. 177)

Na tira que abre este capítulo, Enriqueta compartilha com Feline sua visão sobre a diferença entre um *livro bom* e um *livro ótimo*. Um livro bom nos traz informações importantes, nos ensina. Já um livro ótimo nos transforma. Após fazer essa comparação, no terceiro quadro, Enriqueta deixa o livro aberto, provavelmente marcando a página por onde continuará a leitura, e brincar com Feline. Nesse momento, podemos inferir que a leitura transformou algo em Enriqueta e, por isso, sentiu a necessidade de viver a vida com um novo olhar. Só então é possível ver que Enriqueta estava lendo o livro: “O sol é para todos”, um romance clássico norte-americano, escrito por Harper Lee.

Ao final da leitura da tira, concluímos que o livro ótimo ao que Enriqueta se refere é o livro literário, capaz de criar uma conexão entre a ficção e a realidade, oferecendo a ela, através

da leitura, ferramentas para viver a realidade. Além disso, a ausência de linha para demarcar o último quadro, reforça o papel libertário que tem a literatura. No capítulo anterior, vimos que histórias em quadrinhos podem ser considerados como literatura e, sendo literatura, devem ser lidas por todos como um direito humano. Neste capítulo, analisaremos como as histórias em quadrinhos podem (ou devem) ser utilizadas nas aulas de língua portuguesa.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteia o ensino da educação básica no Brasil, propõe uma abordagem para a literatura equivalente à essa concepção integradora e transformadora que vimos na tira de Enriqueta. Nesse sentido, a literatura estudada em sala de aula deve contribuir para a formação crítica e cidadã dos alunos leitores:

a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando (BRASIL, 2018, p. 499).

Compreender essa relação entre ficção e realidade, uma contribuindo com a construção da outra e vice-versa, é fundamental para a prática do professor que precisa garantir aos alunos condições para promoverem esse encontro através da escolha e também da abordagem dos textos literários em todas as etapas do ensino. Para a BNCC, “a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio” (p. 499), pois, assim como defende Antonio Candido (2004), o documento garante o acesso à literatura como um direito humano:

Os direitos humanos também perpassam todos os campos de diferentes formas: seja no debate de ideias e organização de formas de defesa dos direitos humanos (campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública), seja no exercício desses direitos - direito à literatura e à arte, direito à informação e aos conhecimentos disponíveis (BRASIL, 2018, p. 86).

É necessário, no entanto, pontuar dois aspectos contraditórios a essa visão de literatura como direito humano por seu papel transformador na própria BNCC. Entre as 10 competências específicas que mediam o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental, a 9ª competência é a que se refere diretamente à literatura:

Competência 9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BRASIL, 2018, p. 97).

O primeiro ponto é o de limitar a ideia de que a literatura como fruição tem a única função de divertir ao alcançar as dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento. Sabemos que a leitura prazerosa é essencial para a formação do leitor, mas ela sozinha não dá conta de toda a potencialidade da literatura que transforma e humaniza, porque,

enquanto arte da palavra, carregada de sentidos e matizada por um contexto histórico, a literatura não pode ser tomada apenas como um objeto de contemplação. Essa compreensão vem fundamentada na ideia de que a obra literária é uma forma de arte que propicia sim o prazer estético, mas também revela e desvela uma forma de conhecer a história e de entender o homem nessa história (ARBOLEYA; LOTTERMANN, 2019, p. 317).

Outro ponto que entra em desacordo com a concepção de literatura humanizadora vivenciada por Enriqueta na tira exposta no início deste capítulo é a ideia de apropriação. Arboleya e Lottermann (2019) explicam que “se apropriar das práticas de leitura literária como forma de ler o mundo, de entendê-lo e, a partir disso, realizar um movimento autônomo de expansão (Conson 2007), que é a compreensão humanizadora e transformadora da literatura” (p. 316). Na competência 9 do componente curricular de Língua Portuguesa, espera-se que o aluno se envolva em práticas de leitura literária, desenvolva o senso estético e valorize a literatura e outras manifestações artístico-culturais. Mas não é esperado que o aluno leitor se aproprie, que tome para si toda a riqueza que o encontro com o texto literário pode lhe oferecer, condição fundamental para uma leitura literária transformadora.

Para o ensino médio, a BNCC propõe a ampliação do repertório de leitura literária que foi trabalhado no ensino fundamental, considerando a diversidade cultural das expressões literárias, promovendo a fruição e a valorização estética, e também se espera do aluno uma postura mais crítica:

como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando (BRASIL, 2018, p. 499).

A BNCC divide as práticas de ensino em seis campos de atuação: campo da vida cotidiana (apenas nos anos iniciais), campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo da vida pública (nos anos finais, divide-se em: campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública). Nosso estudo tem como interesse particular o campo artístico-literário, mas sabemos que esse campo está conectado com os outros e trataremos sobre isso no capítulo seguinte ao abordarmos o conceito de multiletramentos.

Arboleya e Lottermann, (2019) chamam a atenção, também, para o fato de a literatura estar associada a outras manifestações artístico-culturais. Para eles, “tal entendimento pode culminar numa visão reducionista à medida que nivela todos os campos de produção de arte num mesmo movimento de significação” (p. 308). Esse agrupamento, se não for bem compreendido, pode favorecer o esvaziamento do sentido de obra literária. A própria BNCC reconhece que esse agrupamento pode gerar confusão e acabar dificultando o encontro do aluno leitor com a obra literária:

Por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs (62), têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. Assim, é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes (p. 499).

É importante esclarecer também que, quando o documento expõe “simplificação didática” ao se referir às HQs, pode parecer que a leitura de quadrinhos é mais fácil, mais simples ou mais superficial. O que não é verdade. As histórias em quadrinhos, objeto de nosso estudo, têm uma linguagem extremamente sofisticada. Vergueiro (2020-B), inclusive, aponta que a necessidade de uma “alfabetização” na linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o aluno decodifique as múltiplas mensagens neles presentes e, também, para que o professor obtenha melhores resultados em sua utilização” (p. 31).

As histórias em quadrinhos estão presentes no campo artístico-literário da BNCC, mas não está claro se o documento entende as tirinhas como texto literário ou texto artístico-cultural. Os termos utilizados no documento são predominantemente: “quadrinhos” e “tirinhas” e, geralmente, aparecem juntos como gêneros literários diferentes. Por outro lado, neste trabalho, utilizamos como sinônimos as expressões *tiras*, *quadrinhos*, *HQS* e *histórias em quadrinhos*, para nos referirmos às narrativas de Enriqueta, porque entendemos que todas nomeiam o mesmo gênero literário: as histórias em quadrinhos. Provavelmente, por questões didáticas, a BNCC

optou por fazer essa distinção de termos por entender histórias em quadrinhos como narrativas maiores, e tirinhas como narrativas construídas em uma média de 3 a 5 quadros:

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO - campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, dentre outros (BRASIL, 2018, p. 96).

É comum encontrarmos essa variedade de nomenclaturas para definir o texto em quadrinhos. Para Ramos (2021), quadrinhos “são um grande rótulo, um hipergênero, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades” (p. 20). Desse modo, “podem ser abrigados dentro desse grande guarda-chuva chamado quadrinhos os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as tiras cômicas seriadas, as tiras seriadas e os vários modos de produção das histórias em quadrinhos” (p. 21). Essa conclusão foi construída pelo autor após verificar algumas tendências nos quadrinhos:

- diferentes gêneros utilizam a linguagem dos quadrinhos;
- predomina nas histórias em quadrinhos a sequência ou tipo textual narrativo;
- as histórias podem ter personagens fixos ou não;
- a narrativa pode ocorrer em um ou mais quadrinhos, conforme o formato do gênero;
- em muitos casos, o rótulo, o formato, o suporte e o veículo de publicação constituem elementos que agregam informações ao leitor, de modo a orientar a percepção do gênero em questão;
- a tendência nos quadrinhos é a de uso de imagens desenhadas, mas ocorrem casos de utilização de fotografias para compor as histórias.

(RAMOS, 2021, p. 19)

Ainda hoje há quem considere que os quadrinhos são textos de leitura mais simples, por conterem imagens que “facilitariam” a leitura. Por isso, constantemente, a leitura de histórias em quadrinhos é destinada apenas ao público infantil. Mas sabemos que essa concepção é falsa, uma vez que se trata de textos complexos que devem ser lidos por todas as idades. Anne Marrie Chartier explica que histórias em quadrinhos,

(...) eram um gênero reservado às crianças e se tornaram um verdadeiro gênero literário, com suas modalidades de articulação texto/imagem, sua arte da elipse. Elas integraram um modo de escrita/desenho cinematográfico, com suas retomadas, seus códigos de escrita específicos para mostrar a fala interior, todas essas coisas que as crianças aprendem muito depressa: se o balão onde o texto está ligado àquele que fala,

trata-se de um discurso direto, se ele flutua acima dele, trata-se de seus pensamentos (CHARTIER, 2005, p. 134).

Conhecer os jogos de linguagem e seus significados é fundamental para interpretar os textos, especialmente os literários em que os escritores exploram a criatividade. Assim, os quadrinhos não são textos simples de serem lidos e crianças são capazes de ler textos complexos. Chartier explica como ter a clareza sobre essas duas concepções influenciam no olhar para a literatura infantojuvenil:

muito cedo, as crianças foram formadas, aculturadas a esses códigos literários que são ainda, algumas vezes, mal compreendidos pelos leitores adultos, pouco familiarizados com esses suportes. Pode-se então dizer que a literatura infantojuvenil, mesmo dirigida a um público definido, é uma verdadeira literatura, já que ela não é apenas uma Literatura de aproximação, uma literatura que simplifica suas formas, mas também uma literatura que inventa novas formas de escrita (CHARTIER, 2005, p. 134).

Para Ramos (2021), “ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal). A expectativa é que a leitura - da obra e dos quadrinhos - ajude a observar essa rica linguagem de um outro ponto de vista, mais crítico e fundamentado” (p. 14). O autor explica que a leitura de histórias em quadrinhos é um processo sociocognitivo interacional, que exige do leitor uma série de habilidades de leitura que devem ser bem articuladas para garantir a compreensão das narrativas. Por isso, é tão necessário explorar esses textos para contribuir com a formação de alunos leitores proficientes:

O sentido é construído por uma sucessão de etapas, inferidas pelo estudante durante a leitura. O aluno deve necessariamente ler signos verbais escritos, como a fala representada nos balões, mas também signos de ordem visual, caso dos desenhos (e da cor, caso fosse relevante para o sentido). Mais ainda, o estudante faz um trabalho de coesão entre as informações apresentadas entre os quadrinhos. (...) Estabelece-se um processo de coesão por meio da imagem, processo necessário para o avanço da ação narrativa (RAMOS, 2020, p. 200).

Reconhecendo a riqueza de possibilidades do uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, a BNCC propõe o contato com as tiras desde o primeiro ano do bebê. O ensino na educação infantil está organizado em 5 campos de experiências: **EO** = O eu, o outro e o nós; **CG** = Corpo, gestos e movimentos; **TS** = Traços, sons, cores e formas; **EF** = Escuta, fala, pensamento e imaginação; **ET** = Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Os quadrinhos fazem parte do Campo de Experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação”.

Segundo o documento, os campos de experiências “constituem um arranjo curricular que colhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” (BRASIL, 2018, p. 40).

Selecionamos todas as habilidades, mencionadas na BNCC (BRASIL, 2018), que sugerem as histórias em quadrinhos como exemplos de textos para serem utilizados, desde a educação infantil até o ensino médio. São 10 habilidades e estão organizadas no quadro abaixo, na ordem em que são apresentadas no documento:

Educação Infantil

- **(EI01EF08)** Participar de situações de escuta de textos em diferentes gêneros textuais (poemas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos, anúncios etc.). (p. 50)
- **(EI02EF08)** Manipular textos e participar de situações de escuta para ampliar seu contato com diferentes gêneros textuais (parlendas, histórias de aventura, tirinhas, cartazes de sala, cardápios, notícias etc.). (p. 50)

Ensino Fundamental I

- **(EF15LP14)** Construir o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias). (p. 97)
- **(EF12LP05)** Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto. (p. 103)
- **(EF05LP18)** Roteirizar, produzir e editar vídeo para vlogs argumentativos sobre produtos de mídia para público infantil (filmes, desenhos animados, HQs, games etc.), com base em conhecimentos sobre os mesmos, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e o tema / assunto / finalidade do texto. (p. 127)

Ensino Fundamental II

- **(EF69LP03)** Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem, em entrevistas os principais temas / subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente. (p. 141)
- **(EF69LP05)** Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, gifs etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc. (p. 141)
- **(EF67LP28)** Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (p. 169)
- **(EF67LP30)** Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens

realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto. (p. 171)

Ensino Médio

• **(EM13LP21)** Produzir, de forma colaborativa, e socializar playlists comentadas de preferências culturais e de entretenimento, revistas culturais, fanzines, e-zines ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem músicas, games, séries, filmes, quadrinhos, livros, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de forma a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades etc. (p. 511)

Essas habilidades que fazem referência aos quadrinhos indicam que desde a educação infantil as crianças já devem entrar em contato com as histórias em quadrinhos através da escuta e da manipulação dos textos. Por outro lado, as habilidades propostas para o uso de histórias em quadrinhos no ensino fundamental e médio pouco contribuem para leituras por fruição, como propõe a BNCC (BRASIL, 2018), na competência 9 específica de língua portuguesa, “como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento” (p.87). Há habilidades de leitura de histórias em quadrinhos que, na verdade, estão a serviço da instrumentalização do texto: na habilidade (EF69LP05), a leitura de quadrinhos prevê a compreensão das estratégias de textos de humor. Já na habilidade (EF69LP03), a proposta de leitura dos quadrinhos tem a função de identificar temas e subtemas dos textos.

As habilidades que citam histórias em quadrinhos e que, de fato, valorizam a leitura com foco nos sentidos gerados a partir das relações entre a forma e o conteúdo são: (EF15LP14) e (EF67LP28). Mas só contemplam as turmas de 1º ao 7º ano. Aliás, há apenas uma habilidade do ensino médio (EM13LP21), que se refere aos quadrinhos, o que pode reforçar a visão preconceituosa de que os quadrinhos são textos infantis, de fácil compreensão e, por isso, devem ser pouco explorados no nível médio.

Metade das habilidades do ensino fundamental e médio refere-se à escrita de histórias em quadrinhos: (EF12LP05) (EF05LP18) (EF67LP30), (EM13LP21). Entretanto, a prática da socialização somente é prevista na produção escrita do ensino médio na habilidade: (EM13LP21). Não se espera, explicitamente, que as produções de histórias em quadrinhos sejam socializadas no ensino fundamental. Há, no entanto, a possibilidade de uso das histórias em quadrinhos no ambiente digital: (EF05LP18) e (EM13LP21), o que favorece a interação e a socialização da leitura e da produção de histórias em quadrinhos.

Tomando como referência apenas essas habilidades, pode parecer difícil utilizar as histórias em quadrinhos como estratégia na formação de leitores. Lembramos, no entanto, que

as histórias em quadrinhos aparecem apenas nessas habilidades como exemplos. Mas as histórias em quadrinhos como textos multisemióticos e literários podem (e devem) ser usados para desenvolverem várias habilidades de leitura e escrita que não citam os quadrinhos como exemplo.

Chamamos a atenção para essas habilidades para mostrar como uma leitura desatenta e parcial do professor pode limitar e empobrecer o trabalho em sala de aula se utilizar as histórias em quadrinhos apenas para desenvolverem as habilidades em que são citadas. Ou ainda, quando o professor se dispõe a fazer apenas o que foi proposto no texto da habilidade.

Santos e Ganzarolli (2011) apresentam os resultados de oito projetos realizados por professores em diferentes regiões do Brasil que utilizaram a leitura de histórias em quadrinhos para auxiliar no ensino e na formação de leitores. Os projetos tinham desafios e objetivos diversos. Dentre eles, incentivar a leitura antes mesmo da alfabetização, alfabetizar, promover o gosto pela leitura, estimular a leitura de outros gêneros literários, aproximar a comunidade da escola, formar leitores competentes e incentivar a escrita criativa como forma de expressão. Os resultados foram muito positivos e alguns desses projetos foram, inclusive, premiados.

De modo geral, a organização de um acervo de gibis, formando uma gibiteca, e a leitura regular de histórias em quadrinhos como prática cotidiana de leitura por fruição, foram aspectos basilares em todos os projetos. Em um dos projetos, inclusive a biblioteca era itinerante, o que favoreceu a democratização da leitura. Vergueiro (2020-A) chama a atenção para duas características que favorecem o trabalho com as histórias em quadrinhos em sala de aula: a acessibilidade e o baixo custo pois “podem ser encontradas em praticamente todas as esquinas, em qualquer banca de jornal do país, a um custo relativamente baixo” (p. 25).

Através de ações que partiam da leitura de histórias em quadrinhos, alunos que ainda não eram alfabetizados espontaneamente passaram a se interessar pela leitura de quadrinhos, o que favoreceu o processo inicial de formação de leitores. Uma turma, por exemplo, de 22 alunos que, inicialmente, tinha apenas 7 alunos alfabetizados, com o projeto de leitura através dos quadrinhos, apenas dois alunos não foram alfabetizados até o final do ano. Além disso, os alunos alfabetizados passaram a ter mais facilidade para interpretar textos.

Nas atividades de produção de histórias em quadrinhos, os alunos puderam exercitar a escrita criativa, explorando a linguagem verbal e visual e recursos gráficos, como balões, onomatopeias, linhas, entre outros. Ao criarem as próprias histórias, além de melhorarem a ortografia, os alunos desenvolveram as habilidades de investigação e expressão da

subjetividade. E, para divulgar os trabalhos realizados, um dos projetos criou um blog para facilitar a troca de experiências e informações.

Outra estratégia foi organizar eventos culturais tornando a gibiteca um “espaço alternativo de lazer”, o que aproxima, não só os alunos, mas toda a comunidade da leitura literária. Em um dos projetos, os professores organizaram o “I Seminário sobre Quadrinhos, Leitura e Ensino”, com a participação do professor Waldomiro Vergueiro em 2007 e, em 2008, aconteceu o II Seminário, “voltado ao ensino de ciências, mediante os quadrinhos”.

Alguns projetos também promoveram a leitura crítica dos quadrinhos, a fim de explorar a variedade temática, a linguagem e estabelecer relações com a vida cotidiana dos alunos, em um espaço organizado, garantindo um ambiente leve e descontraído, sem a pressão didática de uma atividade avaliativa. Assim, os alunos se sentem mais à vontade e dispostos a participarem de forma mais ativa, emitindo impressões e opiniões sobre as leituras e, também, na produção autoral de quadrinhos. Essa experiência de leitura mais envolvente favorece não apenas o gosto, mas a aprendizagem e a apropriação de toda a riqueza linguística e literária que os quadrinhos podem oferecer.

Uma estratégia pouco explorada em sala de aula e que defendemos neste trabalho foi utilizada em um dos projetos apresentados por Santos e Ganzarolli (2011), em que a professora, além de levar o debate sobre as contribuições das histórias em quadrinhos para seus alunos em seu espaço individual de trabalho, pesquisou o ponto de vista de outros professores sobre o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula e identificou que, ainda hoje, há professores que “não tinham muita consciência de quanto as HQS são importantes como fontes de informação e ainda têm preconceito em utilizá-las”. Esse é um trabalho amplificador necessário. Quando o coletivo de professores enxerga essa potência dos quadrinhos, toda escola ganha, pois a missão de formar leitores não é somente do pedagogo ou do professor de língua portuguesa.

Outro resultado animador apresentado foi o incentivo à leitura de outras obras literárias. Após a prática de leitura de histórias em quadrinhos, os alunos passaram a buscar empréstimos de mais livros para lerem em casa. Santos (2001) explica que o aprendizado se torna mais proveitoso, porque

a história em quadrinhos, ao falar diretamente ao imaginário da criança, preenche suas expectativas e a prepara para a leitura de outras obras. A experiência de folhear as páginas de uma revista de quadrinhos pode gerar e perpetuar o gosto pelo livro impresso, independente de seu conteúdo (p. 48).

Os projetos apresentados por Santos e Ganzarolli (2011) mostram exemplos concretos de como o trabalho com histórias em quadrinhos de forma dedicada e eficiente pode fazer a diferença e contribuir com a transformação, não apenas dos alunos leitores, mas de toda a comunidade. Vários desses projetos contaram com a colaboração e o envolvimento dos alunos, dos professores, da família e da comunidade em geral e os resultados vão muito além do que propõem as habilidades da BNCC e extrapolam os muros da escola.

As vantagens de se trabalhar com a leitura de histórias em quadrinhos são tantas que o mercado de livros didáticos cada vez mais vem incluindo as histórias em quadrinhos em suas atividades. Segundo Santos (2001), “artistas e pedagogos unem-se para aproveitar as possibilidades técnicas, narrativas e expressivas dos quadrinhos no que tange à disseminação mais eficiente de conhecimento” (p. 48).

A inclusão de histórias em quadrinhos nos livros didáticos é um recurso muito interessante, mas o professor, como sempre, precisa ter um olhar atento e cuidadoso com a forma como o livro propõe o uso dos quadrinhos. Não podemos nos esquecer de que os livros didáticos escondem um interesse mercadológico e, muitas vezes, as histórias em quadrinhos estão ali apenas para chamar a atenção, não são exploradas adequadamente ou as atividades são elaboradas de forma superficial. Cabe ao professor, portanto, um trabalho de mediação da leitura desses quadrinhos mais crítico e assertivo.

Ainda hoje há quem considere que os quadrinhos são textos de leitura mais simples, por conterem imagens que “facilitariam” a leitura. Por isso, a leitura de histórias em quadrinhos, muitas vezes, é destinada apenas ao público infantil. Mas sabemos que essa concepção é falsa, uma vez que se trata de textos complexos que podem ser lidos por todas as idades.

Nos projetos apresentados, as histórias em quadrinhos também foram utilizadas como suporte de leituras críticas que serviram como base para as práticas de debates e discussões como exercício da cidadania. Santos (2001) reforça que ainda se encontra quem acredita que histórias em quadrinhos é leitura para crianças ou que servem apenas para distração:

Temas da atualidade ou de natureza histórica, ética ou científica podem ser discutidos a partir da leitura de uma determinada História em Quadrinhos. A turma de alunos, ao utilizar os quadrinhos como ponto de partida de um debate, tem em mãos material para refletir a respeito de ideias e valores (p. 49).

Outra forma de se utilizar as histórias em quadrinhos em sala de aula é através dos jogos. Explorar a ludicidade própria das histórias em quadrinhos pode contribuir muito para a aprendizagem dos alunos.

à criança o que importa é brincar, jogar, noutras palavras é de especial importância e interesse, para a criança, a atividade lúdica, em si mesma, pelo seu processo, pela simples ação que desencadeia, pois que o objetivo consciente ou deliberado do jogo tem sempre caráter fictício e fortuito (...) o jogo exercita atividades inespecíficas, desenvolve capacidades e virtualidades gerais, sem qualquer objetivo próprio, relacionadas com o crescimento físico e mental da criança" (MOYA, 1977, p. 153. *apud* SANTOS, 2003, p. 6-7).

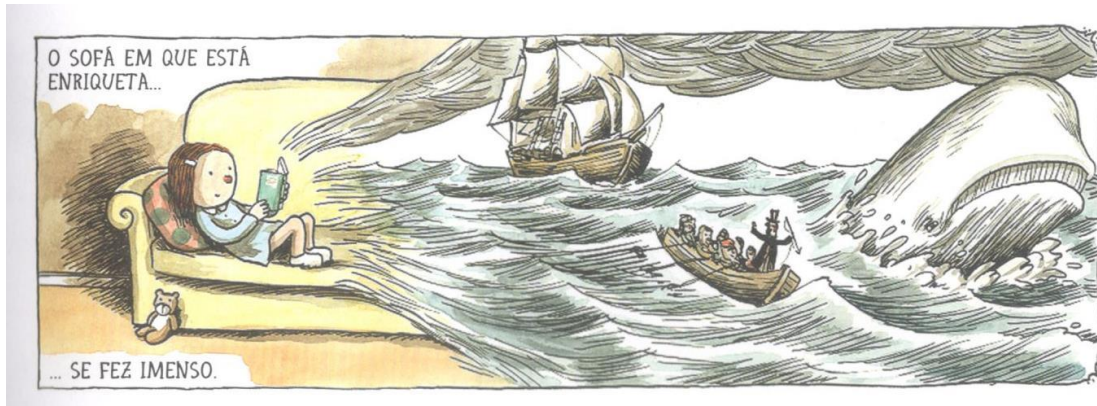
Conhecer os jogos de linguagem e seus significados é fundamental para interpretar os textos, especialmente os literários em que os escritores exploram a criatividade. Assim, os quadrinhos não são textos simples de serem lidos e crianças são capazes de ler textos complexos. Chartier explica como ter a clareza sobre essas duas concepções influencia no olhar para a literatura infantojuvenil:

muito cedo, as crianças foram formadas, aculturadas a esses códigos literários que são ainda, algumas vezes, mal compreendidos pelos leitores adultos, pouco familiarizados com esses suportes. Pode-se então dizer que a literatura infantojuvenil, mesmo dirigida a um público definido, é uma verdadeira literatura, já que ela não é apenas uma Literatura de aproximação, uma literatura que simplifica suas formas, mas também uma literatura que inventa novas formas de escrita (CHARTIER, 2005. p. 134).

O jogo faz parte da natureza das histórias em quadrinhos. Os quadrinistas jogam o tempo todo com as relações entre palavras, imagens e demais elementos que compõem as narrativas visuais, como as cores, as linhas que limitam os quadros, o suporte, as elipses, as metáforas visuais, entre outros. Depende do efeito que o quadrinista pretende provocar no leitor, que entra no jogo como quem aceita o desafio de lidar com: o inesperado, as quebras de expectativa, o humor, a descoberta, as dúvidas, o desconforto dos temas difíceis, a investigação, o preenchimento de sentidos, entre outras provocações. Assim, a leitura de histórias em quadrinhos é uma experiência lúdica que estimula os leitores de todas as idades a desenvolverem habilidades essenciais para a competência leitora.

No próximo capítulo, propomos um exercício de metalinguagem. Faremos a leitura de textos literários, as tiras de Enriqueta, uma leitora de livros de literatura, para refletir sobre questões fundamentais que envolvem a leitura de quadrinhos e dos demais textos literários no processo de formação de leitores na escola.

CAPÍTULO 3. O UNIVERSO POÉTICO DAS LEITURAS DE ENRIQUETA



(Fonte: Liniers. Macanudo, n. 5. 2 ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2020, p. 27)

Na tira a seguir, o autor apresenta seus personagens “mais famosos”: os Pinguins, o Robô Sensível, Enriqueta, os Duendes, Feline e Madariaga. E uma boa forma de conhecer alguém é conhecer suas leituras:



(Fonte: Liniers. Macanudo, n. 1. 3 ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2014, p. 84)

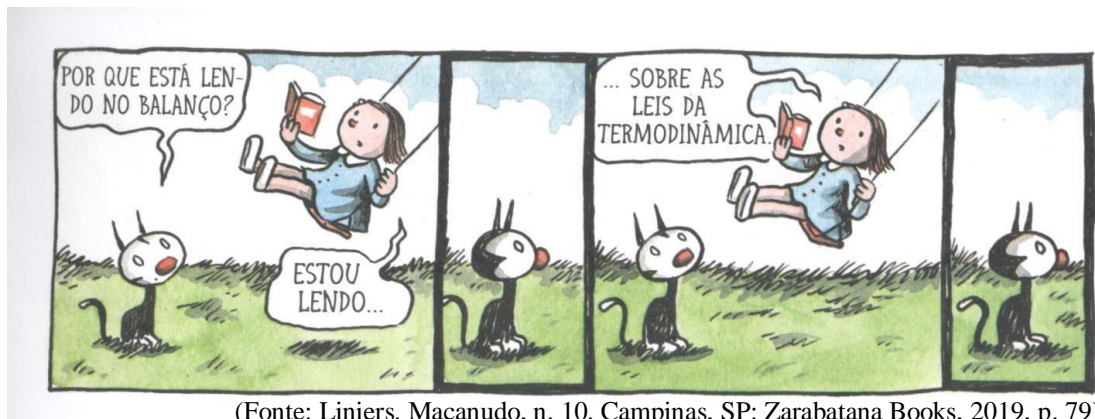
Enriqueta não consegue se decidir por uma leitura, porque além de ler muito, lê vários tipos de textos. Os pinguins, o robô sensível e os duendes leem textos com assuntos que lhes interessam. Enriqueta, por outro lado, explora a leitura da diversidade. Por isso, é difícil escolher. Recomendamos a leitura desses e de todos os personagens de Macanudo. Cada um, com sua particularidade, oferece infinitas possibilidades de leituras em sala de aula. Para conduzir este trabalho, escolhemos Enriqueta por ser essa a personagem que, além de valorizar a diversidade, explora aspectos importantes que aproximam ou distanciam o leitor da leitura literária.

O uso das histórias em quadrinhos da Enriqueta nas aulas de língua portuguesa e também de outros componentes curriculares pode bem contribuir tanto para o ensino quanto para a

formação do leitor. Mas qual é o leitor que queremos? Propomos, a seguir, a leitura de algumas tiras da Enriqueta, a fim de traçar o perfil do que acreditamos ser o leitor ideal.

3.1 O leitor ideal

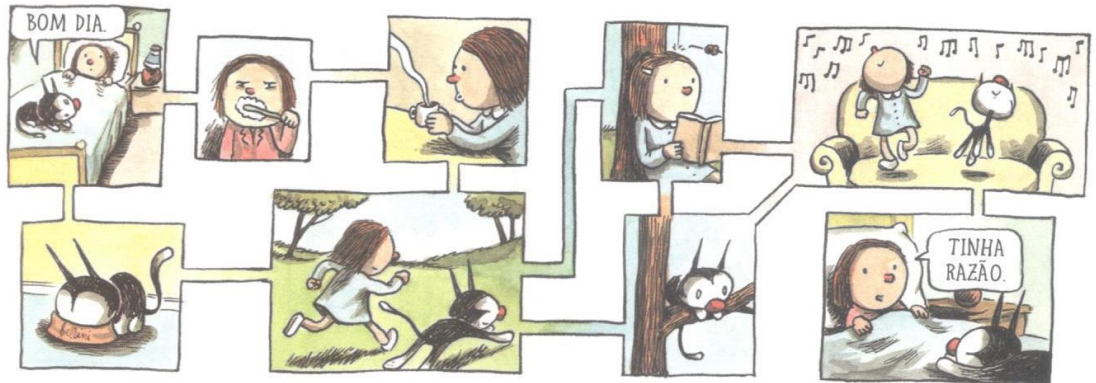
a. O leitor ideal é o que lê literatura.



b. O leitor ideal é o que só se alimenta de cultura erudita.



c. O leitor ideal é o que lê o tempo todo.



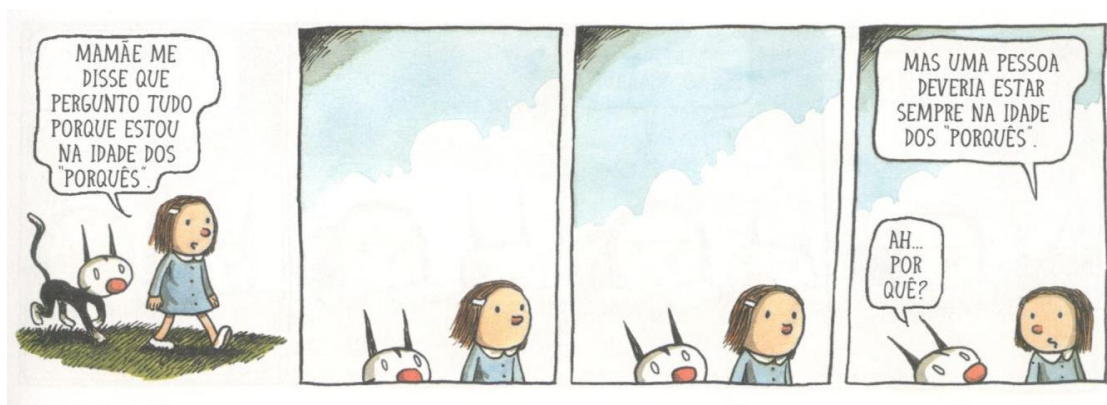
(Fonte: Liniers. Macanudo, n. 4. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011, p. 78)

d. O leitor ideal é o que lê em todos os lugares.



(Fonte: Liniers. Macanudo, n. 7. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2014, p. 20)

e. O leitor ideal é o que tem todas as respostas.



(Fonte: Liniers. Macanudo, n. 3. 2 ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p. 53)

f. O leitor ideal é o que tem um ótimo desempenho escolar.



(Fonte: Liniers. Macanudo, n. 4. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011, p. 17)

g. O leitor ideal é o que cumpre todos os deveres.



(Fonte: Liniers. Macanudo, n. 8. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2015, p. 12)

h. O leitor ideal é o que sabe se comportar.



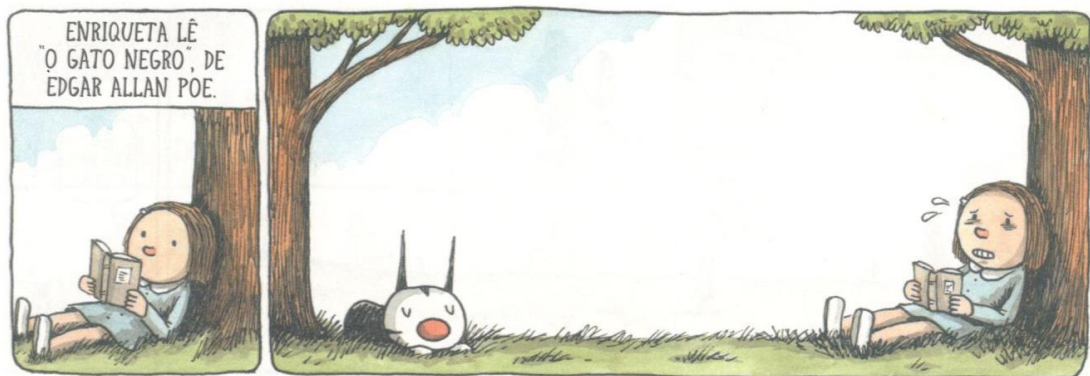
(Fonte: Liniers. Macanudo, n. 9. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2017, p. 6)

i. O leitor ideal é o “bom samaritano”.



(Fonte: Liniers. Macanudo, n. 2. 2 ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p. 86)

j. O leitor ideal é o que encontra prazer na leitura.



(Fonte: Liniers. Macanudo, n. 3. 2 ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p. 50)

Na verdade, o leitor ideal é o leitor que lê! Todos esses rótulos postos como condições para ser considerado um “leitor ideal” são preconceituosos e funcionam como barreiras na formação de leitores. Esse é um pensamento segregador que desanima tanto professores quanto alunos. O professor que acredita nesses rótulos se esforçará para impor a leitura que julga ser “ideal” para o aluno “ideal” ou poupará esforços, porque entende que se seu aluno não é o ideal, não será capaz de ler um texto difícil e desafiador. Por outro lado, o aluno que não se encaixa nesse modelo, dificilmente se apropriará da leitura e se enxergará como leitor. Muitas vezes, alunos (e professores) não conhecem os verdadeiros sentidos da leitura, especialmente a literária. Por isso, a frase “Não gosto de ler!” é tão comum e tão poderosa, no sentido negativo. Levar essas tiras para a leitura em sala de aula é uma excelente oportunidade para derrubar esses muros que separam os alunos de boas leituras.

Além disso, Enriqueta lê diferentes tipos de textos como, por exemplo, jornal, dicionário e livro de física. Essa prática social de ler variados textos, como faz Enriqueta, recebe o nome

de letramento. Mas, como os textos que circulam na sociedade são muito heterogêneos, preferimos o uso do termo “Letramentos”, pois “talvez seja uma forma no plural o modo mais adequado de explicitar as diferenças entre as práticas de leitura, derivadas de seus múltiplos objetivos, formas e objetos, na diversidade também de contextos e suportes em que vivemos” (PAULINO, 2005, p. 2). Há ainda o termo “multiletramentos”, correspondente ao adotado neste trabalho.

Assim, um leitor proficiente é aquele que lê textos diversos, não apenas o literário. Cada tipo de texto solicita um modo de leitura de diferente, o que enriquece a construção do leitor. Paulino (2015) enumera duas questões interessantes que revelam visões distorcidas sobre a leitura e a literatura na construção dos multiletramentos: a escolarização dos textos literários e a hierarquização ideológica dos textos. Ela lembra que “houve época em que todos os textos eram literários, mas a leitura deles servia a interesses não literários, com predominância dos estudos de conteúdos gramaticais” (p. 3). Posteriormente, os textos literários passaram a ser lidos como textos informativos:

Entramos, quando se tornou hegemônica a Teoria da Comunicação, numa fase de escolarização da leitura literária em que os textos literários estavam (e muitas vezes ainda estão) sendo lidos e tratados como as notícias do marmoto: quantas foram as vítimas, como sucedeu o evento, que países atingiu, por que não houve dele previsão? Lidos como textos informativos, cada resposta sobre textos literários corresponderia à verdade dos fatos, textualizados para serem detectados e memorizados (p. 3).

A leitura desse conjunto de textos que pertencem a diferentes letramentos, como literário, jornalístico, científico, constitui a prática social dos multiletramentos. Como leitora proficiente, o fato de Enriqueta ler textos literários contribui para uma boa leitura dos outros tipos de textos, como os instrucionais e os informativos que passam a ser lidos com um olhar mais estético. E a leitura desses também contribui para uma leitura mais crítica dos textos literários, pois, além de ampliar o conhecimento de mundo e desenvolver o senso crítico e criativo, exercita diferentes estratégias de leitura.

Entretanto, quando a escola utiliza o texto literário com interesses alheios ao próprio texto, temos também outro problema: a hierarquização dos textos e a, conseqüentemente, hierarquização dos saberes. Dizer que textos informativos, jornalísticos ou científicos, por exemplo, são mais importantes do que o texto literário é ignorar todo o potencial humanizador e libertador que a literatura oferece. Por outro lado, defender que os textos literários são mais

importantes é elitizar a literatura, é defender que ela deve pertencer a poucos, o que acaba cerceando um direito humano. Desse modo, Graça Paulino (2005) explica que

isso coloca em pauta a hierarquização ideológica de textos e leituras, hierarquização esta assumida como natural na chamada sociedade da informação. Qualquer hierarquização é questionável numa perspectiva ética de respeito à diversidade, mas, no momento em que a eficácia dos procedimentos de conscientização política cresce em importância como forma de resistência ao belicismo e à condução da opinião pública pelos meios de comunicação, ler crítica e comparativamente textos informativos pode ser importante a ponto de priorizar-se esse comportamento na escola (p. 3).

Nenhum texto é superior ao outro. Valorizar a diversidade de textos na leitura é fundamental para a construção do ser humano, que se apropria do conhecimento adquirido para relacionar-se com as questões do mundo, de forma crítica e reflexiva. Mas, neste trabalho, priorizamos a leitura literária como um tema importante a ser trabalhado em sala de aula no processo de formação de leitores de literatura.

Nesse sentido, propomos, no próximo capítulo, oficinas de leitura de histórias em quadrinhos da Enriqueta como uma fonte para mediar a conversa sobre a leitura literária e, também, como incentivo para que os alunos, assim como Enriqueta, explorem o universo da literatura. As tiras escolhidas são apenas um recorte de um vasto repertório de personagens oferecido por Liniers. Recomendamos a leitura, em sala de aula, de todas as tiras que compõem o universo Macanudo.

CAPÍTULO 4. LEITURAS LITERÁRIAS COM ENRIQUETA

As propostas de atividades em forma de oficinas têm o objetivo de fomentar o interesse dos alunos pela leitura literária por meio das experiências de leitura de Enriqueta. Essas atividades podem ser realizadas independentemente da outra. Assim, os professores podem escolher as atividades que melhor se adequam à realidade de seus alunos e adaptá-las para todas as etapas do ensino básico.

A leitura literária é um direito e, como professores, precisamos criar um ambiente favorável para esse exercício. Por isso, sugerimos que os alunos não sejam obrigados, mas sim convidados a participar das atividades e que as notas sejam dadas como incentivo para a participação em leitura das histórias em quadrinhos e de demais textos literários, e não como um método para medir o desempenho de um aluno em relação ao outro.

4.1 Oficina 1: Termômetro da Leitura Literária

Nessa oficina, propomos uma série de perguntas (anexo 1) para traçar o perfil dos alunos leitores. Com esses dados em mãos, o(a) professor(a) poderá conhecer as preferências literárias e o nível de aproximação dos alunos com a leitura. Assim, será mais fácil traçar estratégias para fomentar a leitura literária em sala de aula e, também, para ampliar o repertório de leituras dos alunos. Desse modo, sugerimos que essa atividade seja realizada no início e no final de cada período de estudo, a fim de que tanto professores, como alunos possam analisar as mudanças.

Uma opção é realizar entrevistas com os alunos, a partir das perguntas utilizadas na pesquisa da 5ª edição dos Retratos da Leitura no Brasil (IBOPE, 2019). Essas perguntas também podem ser utilizadas pelos alunos para realizarem uma pesquisa sobre o perfil leitor da comunidade, a partir de entrevistas com amigos e familiares. Depois, como atividade interdisciplinar com o(a) professor(a) de matemática, eles poderão apresentar os resultados da pesquisa por meio de gráficos ou infográficos.

4.2 Oficina 2: Enriqueta por Enriqueta

O objetivo dessa atividade (anexo 2) é apresentar a personagem Enriqueta aos alunos. Eles deverão traçar o perfil das personagens, exercitando as habilidades de localizar informações explícitas e implícitas a partir da linguagem verbal e visual própria dos textos em quadrinhos. Espera-se que os alunos identifiquem características físicas e psicológicas como nome, idade, preferências etc. Além disso, chamem a atenção para as diferenças entre os amigos de Enriqueta: o gato Feline, que tem vida e conversa como um ser humano, e o urso Madariaga, que não tem vida, está sempre na mesma posição e, ainda assim, Enriqueta interage com ele.

Sobre o autor, espera-se que os alunos percebam o uso da linguagem poética e bem-humorada e a criatividade em relação ao traço dos quadros, já que umas das características do autor é brincar com os formatos das linhas e dos quadros que compõem a narrativa visual, que contribuem para os efeitos de sentido das tiras. Como exemplos, há o quadro que simula uma folha de caderno e a ausência de linhas para representar a liberdade criativa de Enriqueta.

4.3 Oficina 3: Capa e Quarta Capa: Elementos paratextuais na construção dos sentidos

Liniers, de forma criativa, elaborou na capa e na quarta capa do livro *Macanudo 5* uma história em quadrinhos que explica de forma bem-humorada o processo de criação da capa de um livro. Esse exercício de metalinguagem é muito explorado pelo quadrinista em suas tiras. Sugerimos a leitura da capa e da quarta capa (anexo 3) com os alunos, identificando os elementos paratextuais que compõem um livro e, também, como esses elementos podem contribuir para a construção de sentido das obras literárias.

Assim, os alunos podem localizar esses mesmos elementos em outros livros e observar as semelhanças e diferenças. Eles podem, também, criar uma história em quadrinhos. Além disso, espera-se que os alunos reconheçam a criatividade do autor ao romper padrões de forma inteligente e percebam que o uso de uma linguagem simples e bem-humorada de Liniers aproxima o leitor da história.

Sobre a criação dos quadrinhos, Liniers criou um coelho para representá-lo nas narrativas visuais. Após a leitura, os alunos podem, também, criar um “avatar” para representá-los em história em quadrinhos, como Liniers, de forma criativa. Posteriormente, podem criar uma história em quadrinhos em diálogo com outro gênero textual como, por exemplo, um tutorial de jogo ou maquiagem em quadrinhos, uma receita em quadrinhos ou, ainda, uma entrevista em quadrinhos, como fez o quadrinista Céllus (anexo 4). Depois, oralmente, peça que eles justifiquem o porquê da escolha do avatar e o que pensam sobre utilizar os quadrinhos como forma de comunicação. Por meio dos multiletramentos, essa atividade tem o objetivo de convidar os alunos a explorarem a criatividade e refletirem sobre o fazer literário.

4.4 Oficina 4: Jogo “Enriqueta Lendo”, por Liniers

A partir das imagens do pôster “Enriqueta Lendo”¹ (anexo 5), propomos um jogo de formação de pares ou um jogo da memória (anexo 6), em que os alunos descubram qual livro literário a personagem está lendo na tira. Nesse jogo, os alunos poderão acionar os conhecimentos prévios, fazer inferências e ampliar o repertório de livros literários clássicos. Enriqueta lê 24 obras clássicas da literatura juvenil e, como leitora, vive experiências incríveis.

¹ O pôster em tamanho original (aproximadamente 0,37 cm x 0,58 cm) e em papel de melhor qualidade pode ser adquirido através do e-mail: falecom@zarabana.com.br.

Liniers, através da linguagem visual, apresenta elementos-chave das narrativas que permitem ao leitor inferir a obra que está sendo lida pela personagem. Além disso, as expressões facial e corporal de Enriqueta sugerem as emoções e os sentimentos despertados durante a leitura através da imaginação.

Após o jogo, sugerimos uma conversa sobre os livros lidos por Enriqueta: quais são os elementos visuais que representam as narrativas; como Enriqueta se sente em cada uma das leituras, o papel da imaginação; quais alunos já leram ou ouviram falar; quais já foram recontados por meio de filmes; quais alunos se interessaram em ler. Os alunos podem pesquisar sobre as obras, buscar resenhas, conhecer os autores e descobrir o país de origem etc.

Outra sugestão é um passeio até a biblioteca da escola, a fim de explorarem quais dessas obras e autores fazem parte do acervo escolar. Desse modo, o objetivo dessa atividade é, de forma lúdica, promover o encontro dos alunos com um rico repertório de obras literárias, aguçando o interesse pela leitura literária.

4.5 Oficina 5: Quebrando a cabeça com Enriqueta

Selecionamos uma série de tiras de Enriqueta para outro exercício. Os professores podem imprimir, recortar quadros das tiras e misturar as 30 peças (anexo 7). O jogo de quebra-cabeça para montar as sete tiras é um desafio que convida os alunos a pensarem sobre como a sequência narrativa é desenvolvida na linguagem dos quadrinhos e como se dá o diálogo entre as linguagens verbal e não verbal.

Além disso, os alunos poderão perceber elementos gráficos que dão aos leitores a noção de tempo e espaço, além de elementos próprios dos quadrinhos como cores, linhas e balões. O objetivo principal é perceber como Liniers articula todos esses elementos na construção de sentidos de suas histórias em quadrinhos. Para aprofundar os conhecimentos sobre a linguagem dos quadrinhos, recomendamos a leitura de Ramos (2021).

4.6 Oficina 6: Criação de Histórias em Quadrinhos

Após a leitura das tiras em que Enriqueta viaja no universo da literatura (anexo 8), os alunos serão desafiados a compartilharem uma experiência de leitura (boa ou ruim) através das histórias em quadrinhos. O aluno não precisa saber desenhar, mas, sim, mobilizar os elementos importantes para a construção dos sentidos que pretende dar à sua história. Como fez o criador

do personagem Flork: desenhado com traços muito simples, surgiu em 2012 numa série de tirinhas na Coreia do Sul e, atualmente, é muito utilizado em memes. Essa atividade é um convite para o exercício da escrita criativa e, também, subjetiva, já que partirá de uma experiência pessoal com a leitura.

4.7 Oficina 7: Carta para Enriqueta

Você observou que, apesar de Enriqueta ler muitos livros interessantes, de várias partes do mundo, ela não leu nenhum livro brasileiro? Que tal propor aos alunos que escrevam uma carta ou um e-mail para Enriqueta, a fim de indicar um livro de literatura brasileira para ela ler? Os alunos devem se apresentar, escrever sobre sua relação com a leitura literária, suas impressões sobre Enriqueta e, claro, recomendar leitura e explicar o(s) motivo(s) pelo(s) qual(is) ela gostaria de ler essa obra.

4.8 Oficina 8: Diálogos sobre livros, leitura e literatura

Tão importante quanto a leitura individual do texto literário é a conversa sobre a obra. Por meio da conversa, a leitura se amplia e enriquece. Entretanto, para ter uma conversa produtiva, é necessário conhecer e refletir sobre questões importantes do universo da leitura literária. Enriqueta nos apresenta diversas questões que podem nortear uma boa conversa em sala de aula.

Selecionamos 20 tiras (anexo 9) que podem ser distribuídas entre os alunos para leitura em dupla. Cada dupla lerá uma tira diferente. Após conversarem sobre o conteúdo e a forma da tira, as duplas poderão compartilhar com a turma a história em quadrinhos lida e as impressões sobre o tema, em uma grande roda de conversa sobre a leitura literária.

4.9 Oficina 9: Relação entre textos: dos quadrinhos ao conto literário

Você conhece outra personagem que também é apaixonada pela leitura? Nessa atividade, sugerimos a leitura do conto da escritora brasileira Clarice Lispector, “Felicidade Clandestina” (anexo 10). Um caminho para o exercício da escuta e da imaginação é a leitura do conto para os alunos, a ser realizada pelo professor, especialmente para os adolescentes que, ao

adquirirem independência leitora, os professores e a família, constantemente, deixam de ler para eles. Posteriormente, converse com os alunos sobre as semelhanças entre Enriqueta e a personagem principal do conto de Clarice. É interessante, também, ressaltar as diferenças entre os tipos de linguagens utilizados nas narrativas visuais dos quadrinhos e dos contos literários.

4.10 Oficina 10: Diário de Leitura

Que tal criar um diário de leitura? Oriente os alunos quanto à escolha de um caderno pequeno para listar os livros lidos, fazer avaliações, anotar impressões, descobertas, memórias ativadas, ideias que surgiram durante a leitura, frases que impactaram e, também, registrar os sentimentos e as emoções despertados pela leitura desses livros. Eles podem escrever histórias em quadrinhos, criar histórias de outros gêneros literários, colecionar poemas, trechos dos livros, questões e, também, criar amigos imaginários para compartilhar ideias, assim como faz Enriqueta, que conversa com Feline e Madariaga, e Anne Frank que, em seu diário, conversava com Kitty. As sugestões para começar o diário são:

- 1.** Colar o quadrinho feito por Quentin Blake a partir dos dez direitos do leitor propostos por Daniel Pennac (anexo 11). O aluno pode excluir ou aumentar esses direitos! O diário e os direitos são todos deles!
- 2.** Colar um termômetro da leitura literária (oficina 1), no início e no final do diário, para que, ao final, o aluno possa analisar o que mudou em seu perfil de leitor.
- 3.** Assim como Enriqueta (oficina 2), incentive os alunos a apresentarem-se e contarem o que gosta e o que não gosta, utilizando palavras e imagens. Eles também podem se apresentar utilizando o avatar que criaram na oficina 3.
- 4.** Outra sugestão é colar o pôster da Enriqueta lendo (anexo 4), como um rico repertório de sugestões para suas próximas leituras literárias.
- 5.** Colar (ou reescrever) a história em quadrinhos produzida na oficina 6. Desafie os alunos a escreverem uma história em quadrinhos, poema ou um pensamento sobre cada livro que leem, a fim de representar a experiência vivida pela leitura. Eles também podem criar histórias em quadrinhos que ensinem o leitor a fazer algo que o aluno já domine, como fez Liniers na capa e na quarta capa do livro *Macanudo* 5 (oficina 3).
- 6.** Colar (ou reescrever) a carta escrita para Enriqueta na oficina 7. Os alunos podem continuar escrevendo para Enriqueta no diário. Ela é uma ótima confidente literária e, certamente, será uma boa amiga imaginária!

7. Incentivar os alunos a escreverem pontos importantes levantados durante a conversa sobre a leitura literária na oficina 8. Além disso, cotidianamente, leve tiras, frases, notícias e outros textos curtos para que os alunos possam colar no diário.

8. Convide os alunos a relatarem no diário as sensações, as memórias, os questionamentos e as opiniões que surgirem após a leitura do conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector.

9: Torne a leitura literária um hábito nas aulas de língua portuguesa. Leia para os alunos e com os alunos! Uma leitura de três a cinco minutos faz muita diferença na formação dos alunos leitores e pode motivar a escrita cotidiana do diário.

10. Com seus alunos, divirta-se com as leituras literárias! Se possível, leia e leve à sala de aula os livros Macanudos e encante seus alunos com o universo dos quadrinhos criado por Liniers! Além disso, incentive a pesquisa e a leitura de outras histórias em quadrinhos de quadrinistas, não tão conhecidos, que produzem textos de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi realizado com o objetivo de mergulhar no universo das histórias em quadrinhos, a fim de identificar como esses textos podem contribuir para a formação do leitor literário na educação básica. Para isso, investigamos o contexto histórico em que esse gênero surgiu para entender porque, até hoje, os quadrinhos são vistos como textos simples que servem apenas para divertir os leitores. Vimos que, na verdade, as histórias em quadrinhos são textos extremamente desafiadores que utilizam uma linguagem sofisticada, que exige do leitor habilidades complexas de leitura.

A partir de estudos como o do crítico literário Antonio Candido, foi possível definir que histórias em quadrinhos são textos literários. Vimos que a literatura está em todos os textos ficcionais que, de alguma maneira, permitem ao leitor exercitar a imaginação. Compreender que as histórias em quadrinhos são textos literários é ter a certeza de que promover a leitura dos quadrinhos em sala de aula é garantir aos alunos o acesso a um direito humano: o direito à literatura.

Quando analisamos os resultados da última pesquisa do IBOPE (2019) que traça o perfil dos leitores no Brasil, percebemos o quanto o número de leitores está longe do ideal. O de leitores de literatura, principalmente, que foram apenas 18% dos entrevistados. Mas, ao mesmo tempo, essa pesquisa revela que a maioria das pessoas tem vontade de ler mais. Também demonstraram interesse na leitura de histórias em quadrinhos, que, na pesquisa, não entraram

como textos literários. Sabemos que a leitura literária não deve ser realizada apenas no ambiente escolar, mas esses dados nos mostram como a escola ainda pode ter o papel fundamental no incentivo à leitura. Ao formar leitores críticos, a escola contribui para a construção de uma cultura que valoriza a leitura democrática, por fruição e também como ferramenta para entender o mundo, o outro e a si mesmo.

Para entender como a escola pode promover a leitura literária de histórias em quadrinhos, com foco na formação de leitores, analisamos a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que é o documento que norteia o trabalho dos professores. Vimos que a leitura de histórias em quadrinhos está prevista desde a educação infantil até o ensino médio e, como texto literário, a leitura desse gênero desenvolve habilidades que vão muito além das que são citadas no documento. Citamos, inclusive, exemplos de projetos que, a partir da leitura de histórias em quadrinhos, alcançaram resultados significativos que vão desde o sucesso na alfabetização até o aumento do interesse pela leitura espontânea de outras obras literárias.

Para promover o exercício e o diálogo sobre a leitura literária em sala de aula como caminho para a formação de leitores, propomos atividades em forma de oficinas, a partir das tiras da Enriqueta, uma personagem dos quadrinhos apaixonada pela leitura literária. Enriqueta é uma criança comum que convida os leitores não apenas para a leitura, mas, também, para a reflexão crítica sobre o papel transformador da literatura. As oficinas são variadas e contemplam todas as práticas de linguagem previstas na BNCC (2018): leitura/escuta; oralidade, análise linguística/semiótica e produção de textos.

Desse modo, as tiras de Enriqueta oferecem um vasto repertório de referências de obras clássicas da literatura infantojuvenil, o que pode enriquecer o conhecimento de mundo dos leitores através do letramento literário. Além disso, esperamos que Enriqueta, por meio de suas experiências de leituras, percepções e questões sobre o universo da literatura, desperte nos alunos a curiosidade e o interesse pela leitura literária.

Com este trabalho, objetivamos, ainda, que os alunos se apropriem da literatura, pois, ao opinarem e escreverem sobre as obras que leram, eles estão exercitando a subjetividade, habilidade essencial para a construção do ser humano. Desse modo, esperamos que as tiras da Enriqueta, criadas pelo quadrinista argentino Liniers, sejam um convite para a leitura literária na sala de aula e um caminho lúdico e eficiente para a formação de leitores críticos.

Este trabalho abre as portas para pesquisas e análises dos resultados da realização das atividades propostas nas oficinas em sala de aula e as possíveis contribuições para a formação de leitores críticos. Registra também o convite para ampliarmos o diálogo sobre a leitura

literária através de pesquisas sobre outros personagens leitores, do próprio Liniers e, também, de outras obras literárias do Brasil e do Mundo.

REFERÊNCIAS

ARBOLEYA, Valdinei José; LOTTERMANN, Clarice. **Letramento literário e BNCC: caminhos e descaminhos.** In: COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição; KRAEMER, Márcia Adriana Dias. (orgs). Uma leitura crítica da Base Nacional Comum Curricular: compreensões subjacentes. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019. p.307-328.

BARBOSA, Luis Sánchez. **Liniers: el optimismo razonado.** Entrevista: Revista Magis Iteso. Edición 472. México, Nov/Dez. 2019. Disponível em: <<https://magis.iteso.mx/nota/mientras-mas-hablemos-entre-nosotros-mejor-vamos-a-pensar-liniers/>> Acesso em 27 de fev. 2022.

BLACKKE, Quentin; PENNAC, Daniel. **Os dez direitos do leitor.** Disponível em: <<http://mundodefantas.blogspot.com/2012/07/os-dez-direitos-do-leitor-por-daniel.html>> Acesso em 20 de mai. 2022.

BRASIL, (2018). **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC/SEB. EI/EF: versão integral final. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em 04 de dez. 2021.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos.* 4 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880.** 16 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2017. p. 25-39.

CÉLLUS. Entrevista com o vírus: Aquele que entra sem ser convidado! Charge n. 183. Disponível no site: <<http://www.cellus.com.br/novo/charges.php?imagem=183#182>> Acesso em 02 de jun. 2022.

CHARTIER, Anne. Marie. **Que leitores queremos formar com a literatura infanto-juvenil?** In: *Leituras literárias: discursos transitivos.* Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

COSSON, Rildo. **A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino?** In: Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v.26, n.3, p. 161-173, 2015. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3735>> Acesso em 18 de mar. 2022.

FUNDACIÓN BBVA PERÚ. **Pensemos Bien con Liniers.** 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P4TzVSlhAJs>> Acesso em 05 de dez. 2021.

IBOPE, inteligência. **Retratos da leitura no Brasil 5.** Instituto pró-livro e Itaú Cultural. 5ª edição: 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-_IPL_dez2020-compactado.pdf> Acesso em 17 de fev. 2022.

LINIERS. Macanudo, n.1. 3. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2014.

_____. Macanudo, n.2. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013.

_____. Macanudo, n.3. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013.

- _____. Macanudo, n.4. 1. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.
- _____. Macanudo, n.5. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2020.
- _____. Macanudo, n.6. 1. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013.
- _____. Macanudo, n.7. 1. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2014.
- _____. Macanudo, n.8. 1. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2015.
- _____. Macanudo, n.9. 1. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2017.
- _____. Macanudo, n.10. 1. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2019.
- _____. Pôster Enriqueta Lendo. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2015.
- LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- RAMOS, Paulo. **A Leitura dos quadrinhos**. 2 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.
- RAMOS, Paulo. **Bienvenido**: um passeio pelos quadrinhos argentinos/ ilustração Liniers. 2 ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2016.
- RAMOS, Paulo. Humor nos quadrinhos. In: VERGUEIRO; Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs.). **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. **Aplicações da história em quadrinhos**. In: Comunicação & Educação (22), São Paulo, 2001. p. 46 a 51. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36995/39717>> Acesso em 01 de dez. 2021.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. **A história em quadrinhos na sala de aula**. In: INTERCOM-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Minas Gerais, 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/124541572425387132700456660181532107809.pdf>> Acesso em 01 de dez. 2021.
- SANTOS, Mariana Oliveira dos; GANZAROLLI, Maria Emília. **Histórias em quadrinhos: formando leitores**. In: TransInformação, Campinas, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tinf/a/D9KdmXLWyZcPhMcvH5cgpSg/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 01 de dez. 2021.
- VERGUEIRO (A), Waldomiro. **Uso das HQS no ensino**. In: BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (orgs.) Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- VERGUEIRO (B), Waldomiro. **A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária**. In: BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (orgs.) Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Ayanará, 2009.

ANEXOS

Anexo 1: Termômetro da Leitura Literária

Termômetro da Leitura Literária	01	02	03	04	05
01. Gosto de ler livros literários.	♡	♡	♡	♡	♡
02. Gosto de ouvir a leitura de textos literários.	♡	♡	♡	♡	♡
03. Eu acho a leitura literária importante.	♡	♡	♡	♡	♡
04. Leio textos literários em casa.	♡	♡	♡	♡	♡
05. Leio textos literários na sala de aula.	♡	♡	♡	♡	♡
06. Leio textos literários na biblioteca.	♡	♡	♡	♡	♡
07. Gostaria de ler mais livros literários.	♡	♡	♡	♡	♡
08. Tenho livros literários.	♡	♡	♡	♡	♡
09. Gosto de ganhar/comprar livros literários.	♡	♡	♡	♡	♡
10. Eu gostaria de ganhar/comprar mais livros literários.	♡	♡	♡	♡	♡
11. Minha família me incentiva a ler livros literários.	♡	♡	♡	♡	♡
12. Meus professores me incentivam a ler livros literários.	♡	♡	♡	♡	♡
13. Influenciadores digitais me incentivam a ler livros literários.	♡	♡	♡	♡	♡
14. Gosto de ler livros literários com imagens.	♡	♡	♡	♡	♡
15. Gosto de ler livros literários sem imagem.	♡	♡	♡	♡	♡
16. Gosto de ler livros literários pequenos.	♡	♡	♡	♡	♡
17. Gosto de ler livros literários grandes.	♡	♡	♡	♡	♡
18. Gosto de ler livros literários físicos.	♡	♡	♡	♡	♡
19. Gosto de ler livros literários digitais.	♡	♡	♡	♡	♡
20. Gosto de ler livros literários brasileiros.	♡	♡	♡	♡	♡
21. Gosto de ler livros literários estrangeiros.	♡	♡	♡	♡	♡
22. Gosto de ler histórias em quadrinhos.	♡	♡	♡	♡	♡
23. Gosto de ler histórias de aventura.	♡	♡	♡	♡	♡
24. Gosto de ler histórias de humor.	♡	♡	♡	♡	♡
25. Gosto de ler histórias de suspense.	♡	♡	♡	♡	♡
26. Gosto de ler histórias de terror.	♡	♡	♡	♡	♡
27. Gosto de ler contos de fadas.	♡	♡	♡	♡	♡
28. Gosto de ler contos populares, lendas e mitos.	♡	♡	♡	♡	♡
29. Gosto de ler fábulas.	♡	♡	♡	♡	♡
30. Gosto de ler romances.	♡	♡	♡	♡	♡
31. Gosto de ler poesias.	♡	♡	♡	♡	♡
32. Gosto de ler diários.	♡	♡	♡	♡	♡
33. Gosto de ler livros adaptados para o cinema.	♡	♡	♡	♡	♡
34. Gosto de ler fanfics.	♡	♡	♡	♡	♡
35. Gosto de ler silenciosamente.	♡	♡	♡	♡	♡
36. Gosto de ler em voz alta.	♡	♡	♡	♡	♡
37. Gosto de ler individualmente.	♡	♡	♡	♡	♡
38. Gosto de ler em grupo.	♡	♡	♡	♡	♡
39. Gosto de conversar sobre o livro lido.	♡	♡	♡	♡	♡
40. Eu indico e recomendo a leitura de livros literários.	♡	♡	♡	♡	♡

Anexo 2 - Enriqueta por Enriqueta

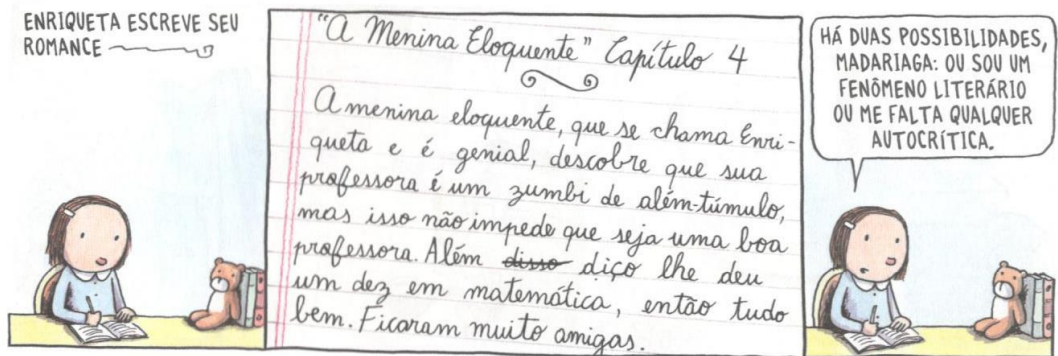
Você conhece Enriqueta, personagem criada pelo quadrinista argentino Liniers? Leia as tiras e veja como Liniers apresenta aos leitores características das personagens através das ações na narrativa, combinando as linguagens verbal e visual. Depois, liste as principais características de Enriqueta, o gato Feline, o urso Madariaga e também algumas características marcantes no estilo dos quadrinhos de Liniers.



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.2. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.6)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.1. 3. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2014, p.34)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.1. 3. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2014, p.65)

Anexo 3 - Capa e Quarta Capa do livro Macanudo Vol. 5 de Liniers.

Capa:



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.5. 2.ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2020, capa.)

Quarta Capa:

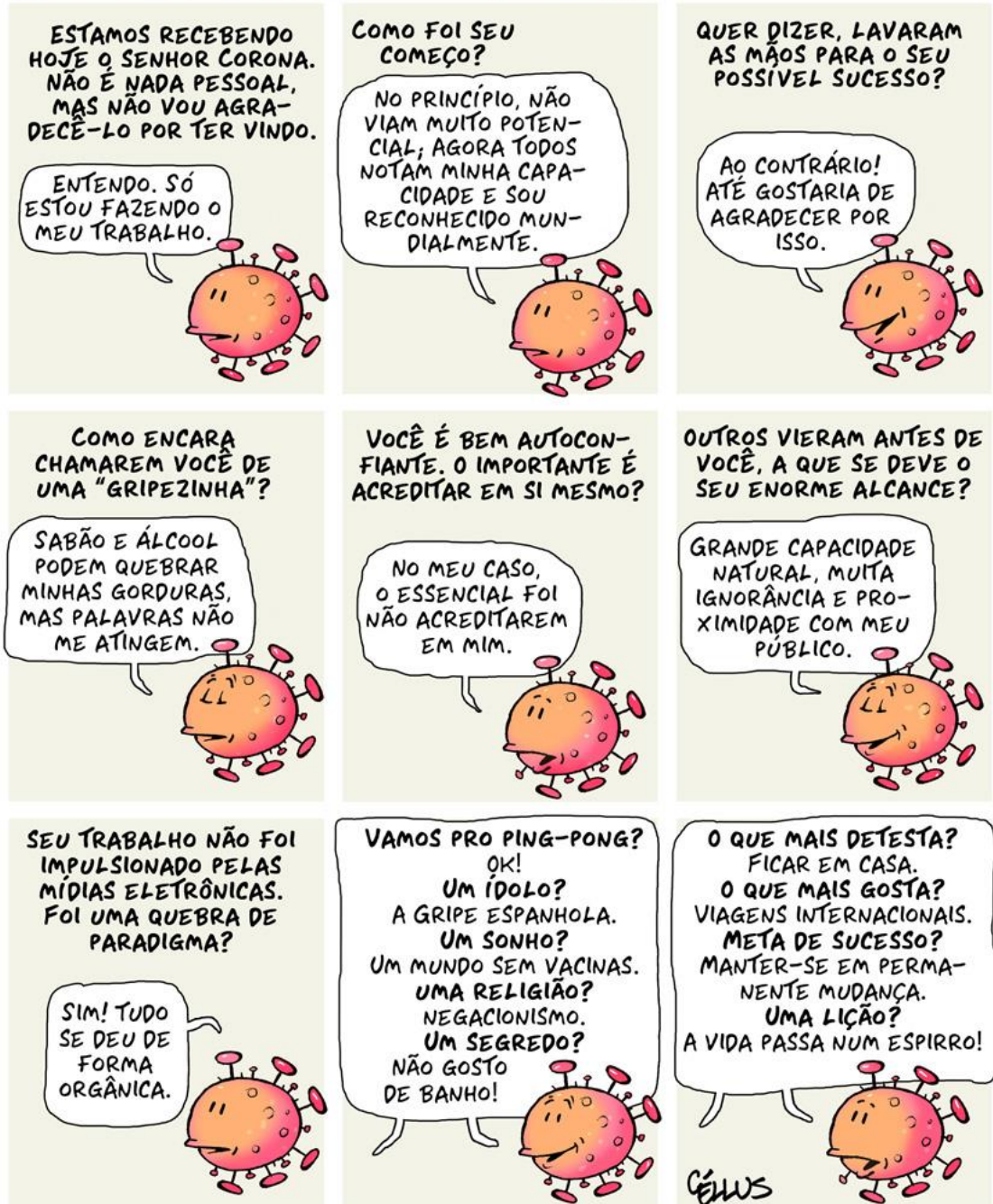


(Fonte: Liniers. Macanudo, n.5. 2.ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2020, quarta capa.)

Anexo 4 – Entrevista em quadrinhos

ENTREVISTA COM O VÍRUS

AQUELE QUE ENTRA SEM SER CONVIDADO!



Anexo 5 – Pôster Enriqueta Lendo



ENRIQUETA LENDO
O FAROL DO FIM DO MUNDO
Júlio Verne



HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS
Edgar Allan Poe



CONTOS DA SELVA
Horacio Quiroga



ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS
Lewis Carroll



MARY POPPINS
P. L. Travers



FAHRENHEIT 451
Ray Bradbury



CANINOS BRANCOS
Jack London



HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL
J. K. Rowling



O PEQUENO PRÍNCIPE
Antoine de Saint-Exupéry



MATILDA
Roald Dahl



AS AVENTURAS DE TOM SAWYER
Mark Twain



O GUIA DO MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS
Douglas Adams



CORALINE
Neil Gaiman



PETER PAN
J. M. Barrie



DAILAN KIFKI
María Elena Walsh



MULHERZINHAS
Louisa May Alcott



AS VIAGENS DE GULLIVER
Jonathan Swift



O HOBBIT
J. R. R. Tolkien



O HOMEM INVISÍVEL
H. G. Wells



A HORA DO VAMPIRO
Stephen King



CONTOS DOS IRMÃOS GRIMM
Jacob e Wilhelm Grimm



MOMO
Michael Ende



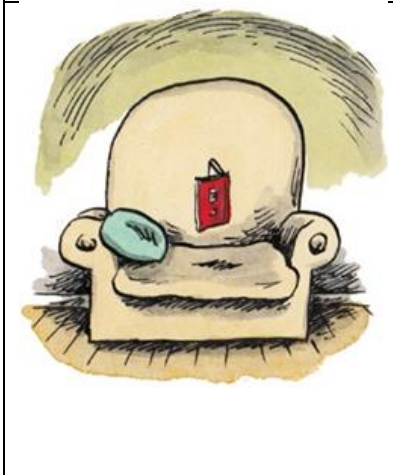
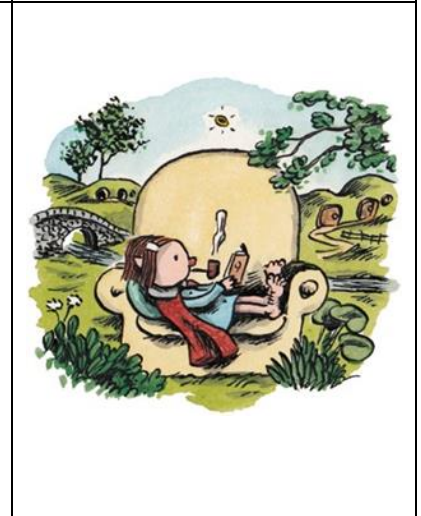
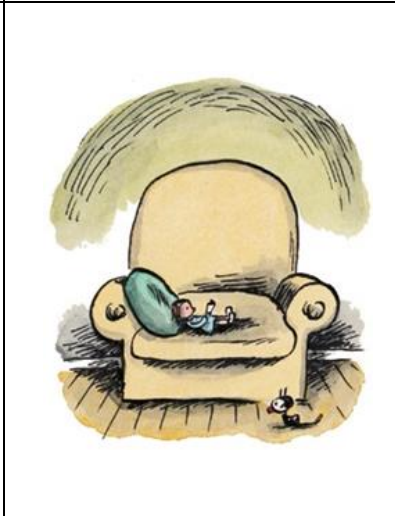
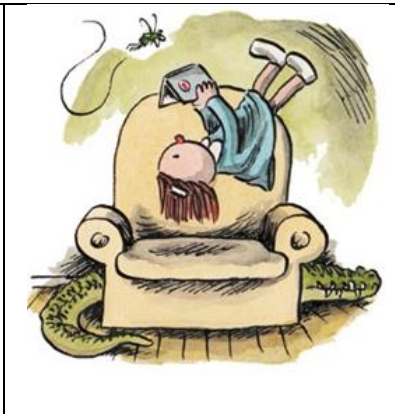
O MÁGICO DE OZ
L. Frank Baum



O URSINHO POOH
A. A. Milne

Anexo 6 - Jogo “Enriqueta Lendo” por Liniers





<p>O FAROL DO FIM DO MUNDO</p> <p>JÚLIO VERNE</p>	<p>HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS</p> <p>EDGAR ALLAN POE</p>	<p>CONTOS DA SELVA</p> <p>HORACIO QUIROGA</p>
<p>ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS</p> <p>LEWIS CARROLL</p>	<p>MARY POPPINS</p> <p>P. L. TRAVERS</p>	<p>FAHRENHEIT 451</p> <p>RAY BRADBURY</p>
<p>CANINOS BRANCOS</p> <p>JACK LONDON</p>	<p>HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL</p> <p>J. K. ROWLING</p>	<p>O PEQUENO PRÍNCIPE</p> <p>ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY</p>
<p>MATILDA</p> <p>ROALD DAHL</p>	<p>AS AVENTURAS DE TOM SAWYER</p> <p>MARK TWAIN</p>	<p>O GUIA DO MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS</p> <p>DOUGLAS ADAMS</p>

<p>CORALINE</p> <p>NEIL GAIMAN</p>	<p>PETER PAN</p> <p>J. M. BARRIE</p>	<p>DAILAN KIFKI</p> <p>MARÍA ELENA WALSH</p>
<p>MULHERZINHAS</p> <p>LOUISA MAY ALCOTT</p>	<p>AS VIAGENS DE GULLIVER</p> <p>JONATHAN SWIFT</p>	<p>O HOBBIT</p> <p>J. R. R. TOLKIEN</p>
<p>O HOMEM INVISÍVEL</p> <p>H. G. WELLS</p>	<p>A HORA DO VAMPIRO</p> <p>STEPHEN KING</p>	<p>CONTOS DOS IRMÃOS GRIMM</p> <p>JACOB E WILHELM GRIMM</p>
<p>MOMO</p> <p>MICHAEL ENDE</p>	<p>O MÁGICO DE OZ</p> <p>L. FRANK BAUM</p>	<p>O URSINHO POOH</p> <p>A. A. MILNE</p>

Anexo 7 – Jogo Quebra-Cabeça



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.6. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.55)



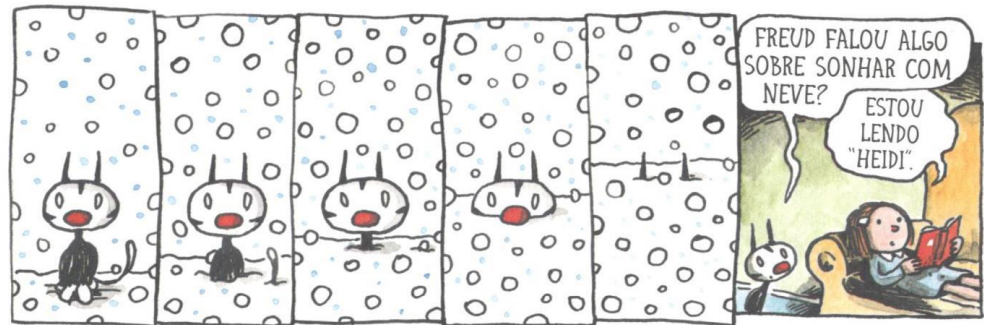
(Fonte: Liniers. Macanudo, n.7. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2014, p.77)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.7. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2014, p.90)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.9. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2017, p.60)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.10. Campinas, SP: Zaratana Books, 2019, p.114)



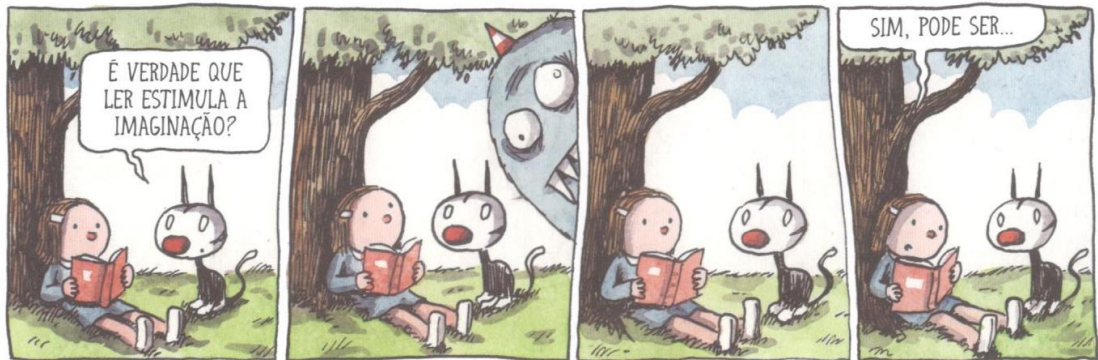
(Fonte: Liniers. Macanudo, n.10. Campinas, SP: Zaratana Books, 2019, p.115)



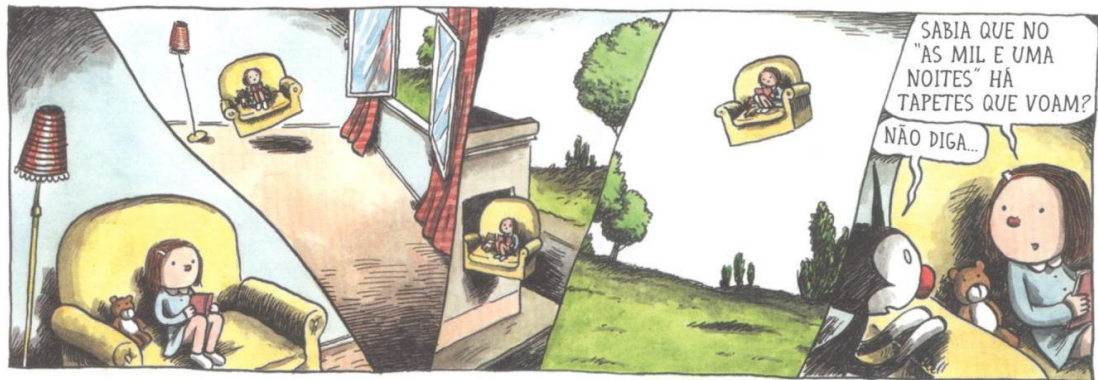
(Fonte: Liniers. Macanudo, n.10. Campinas, SP: Zaratana Books, 2019, p.135)

Anexo 8 - Criação de Histórias em Quadrinhos

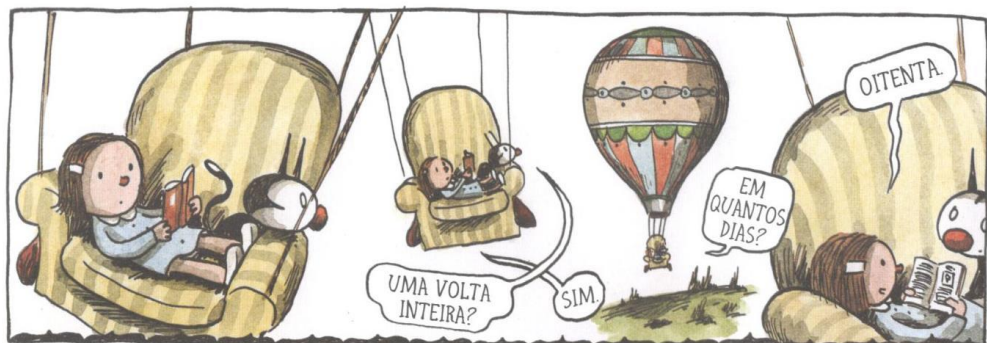
Uma das características fundamentais do texto literário é a ficção que nos convida para o exercício da imaginação, Enriqueta, quando lê, conhece outros mundos e vive experiências incríveis como você viu nos quadrinhos do pôster da oficina anterior. Leia as tiras a seguir e conheça mais estratégias que o quadrinista utiliza para representar esse encontro entre o leitor e as histórias através das histórias em quadrinhos. Depois, crie sua própria tira contando uma de suas experiências de leitura.



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.8. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2015, p.81)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.5. 2.ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2020, p.83)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.7. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2014, p.94)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.10. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2019, p.93)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.1. 3. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2014, p.59)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.2. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.44)

Anexo 9 - Tiras para Mediar Diálogos sobre livros, leitura e literatura



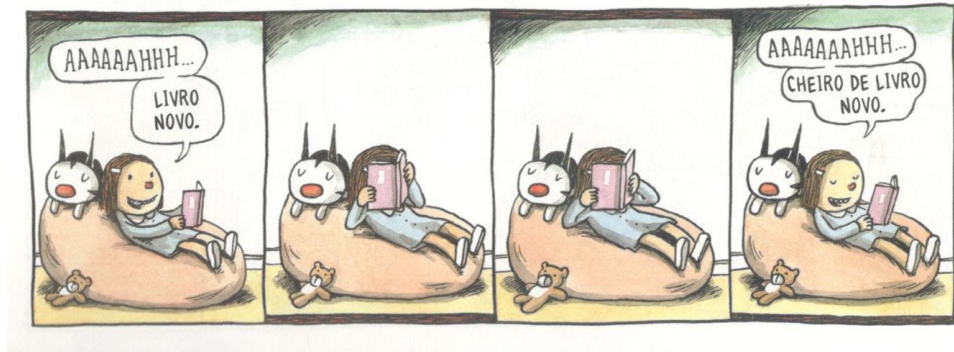
(Fonte: Liniers. Macanudo, n.8. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2015, p.13)



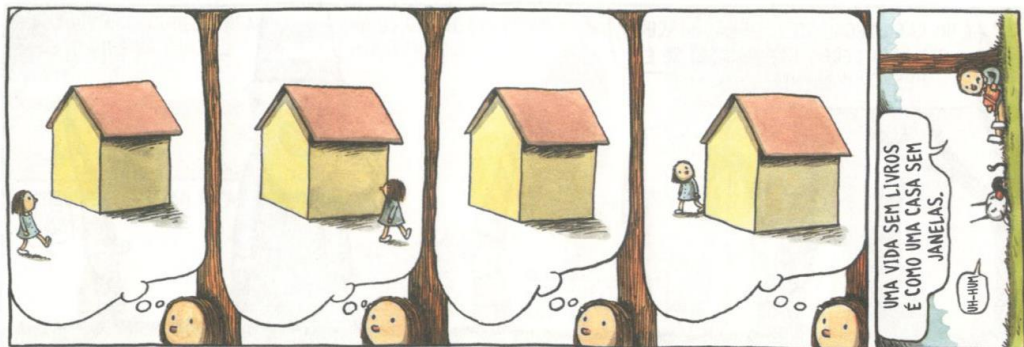
(Fonte: Liniers. Macanudo, n.3. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.37)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.4. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011, p.60)



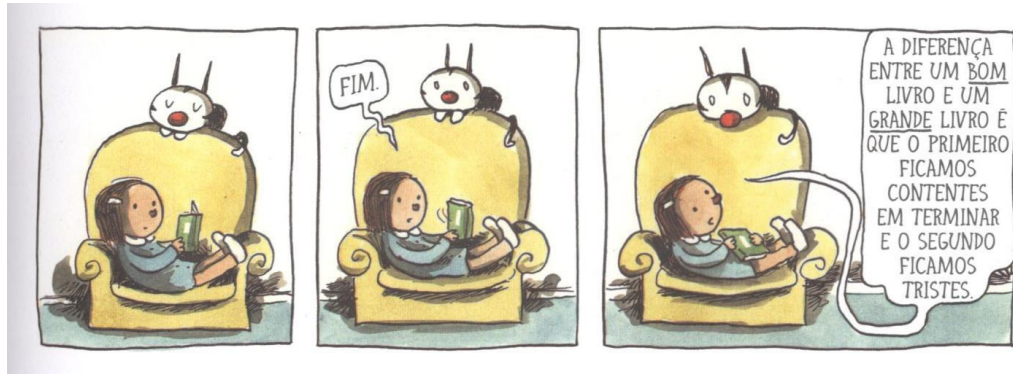
(Fonte: Liniers. Macanudo, n.2. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.78)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.2. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.92)



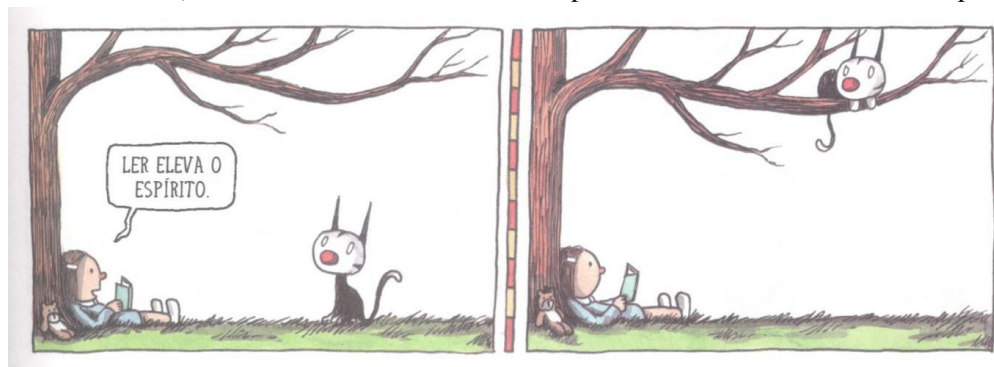
(Fonte: Liniers. Macanudo, n.10. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2019, p.177)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.7. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2014, p.65)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.6. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.18)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.4. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011, p.25)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.3. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.80)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.3. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.83)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.3. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.55)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.3. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.89)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.10. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2019, p.138)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.10. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2019, p.69)



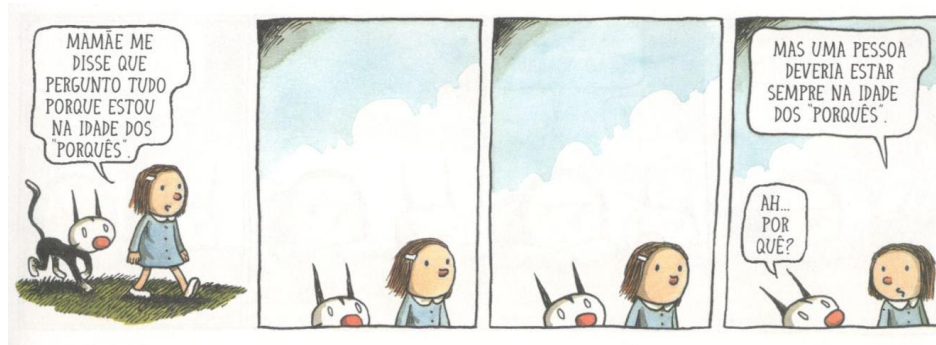
(Fonte: Liniers. Macanudo, n.2. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.59)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.2. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.73)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.2. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.16)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.3. 2. ed. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2013, p.53)



(Fonte: Liniers. Macanudo, n.4. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011, p.78)

Anexo 10 – Conto “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector.

FELICIDADE CLANDESTINA

(Clarice Lispector)

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser. ”Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse ” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Lispector, Clarice. **Felicidade clandestina**: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Anexo 11: Os Dez Direitos do Leitor



Fonte: <<http://mundodefantas.blogspot.com/2012/07/os-dez-direitos-do-leitor-por-daniel.html>> Acesso em 20 de mai. 2022.